

**UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

Tamara Júlia de Carvalho

**ESTUDO DO PROGRAMA SUPERNANNY A
PARTIR DA PEDAGOGIA FREINET**

**ARARAQUARA – SÃO PAULO
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNESP 
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

TAMARA JÚLIA DE CARVALHO

**ESTUDO DO PROGRAMA SUPERNANNY A PARTIR DA PEDAGOGIA
FREINET**

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR,
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA,
COMO REQUISITO PARA A OBTENÇÃO DO
TÍTULO DE MESTRE EM EDUCAÇÃO ESCOLAR.**

**LINHA DE PESQUISA: CONTRIBUIÇÕES
PSICOLÓGICAS AO TRABALHO EDUCATIVO.**

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA
CRISTINABERGONZONI STEFANINI**

**ARARAQUARA – SÃO PAULO
2009**

Tamara Júlia de Carvalho

Estudo do programa Supernanny a partir da Pedagogia Freinet

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, da Universidade Estadual Paulista, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

**LINHA DE PESQUISA: CONTRIBUIÇÕES
PSICOLÓGICAS AO TRABALHO EDUCATIVO.**

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

PRESIDENTE E ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA CRISTINA BERGONZONI STEFANINI – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS/CAMPUS ARARAQUARA – SP

MEMBRO TITULAR: PROF. DR. EDSON DO CARMO INFORSATO – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS/CAMPUS ARARAQUARA – SP

MEMBRO TITULAR: PROFA. DRA. ROSIMEIRE MARIA ORLANDO ZEPPONE – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS/CAMPUS RIO CLARO - SP

**LOCAL: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
UNESP – CAMPUS ARARAQUARA**

Eu penso que é a melhor profissão do mundo; pois que se faça bem ou que se faça mal, somos pagos da mesma forma (...) Um sapateiro, fazendo seus sapatos, não poderia perder um pedaço de couro sem que tivesse que pagar por isso, mas aqui se pode perder um homem sem que isso custe...”

Molière,
Le Mèdecin malgré lui

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade e saúde para realizar este trabalho.

À minha mãe Antônia, meu alicerce e minha base, fonte fundamental de minha educação.

Ao amor da minha vida Elton, que me ajudou da mais diferentes formas, obrigada pelo amor, dedicação e paciência.

Aos meus familiares que contribuíram de alguma forma para trilhar este trabalho.

À professora Maria Cristina que como ninguém me ensinou a ver a vida por outro prisma. Minha mãe, minha psicóloga e minha orientadora durante este período.

À professora Taciana pela orientação e apoio oferecido a mim e ao meu trabalho.

Ao professor Tamoio pela confiança e estímulo dado ao meu tema na disciplina Projeto de pesquisa.

Aos meus pais que em vida e em memória fizeram parte dessa trajetória e contribuíram com esse projeto.

Aos meus amigos da “Casa da Véia” e agregados que me suportaram e me ajudaram a concretizar esse processo.

À Mel minha amiga e companheira de todos os dias.

Aos meus irmãos que eu amo tanto, obrigada pelo apoio.

A Nicole fonte de inspiração e amor.

CARVALHO, Tamara Júlia. Estudo do programa Supernanny a partir da Pedagogia Freinet. 2009. f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)– Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

Resumo

Este trabalho procura investigar a pedagogia instituída no programa televisivo exibido pelo SBT (Sistema Brasileiro de Comunicação) em canal de TV aberta para todo o território brasileiro, intitulado Supernanny. Para tal recupera a evolução dos programas educativos televisivos e as relações estabelecidas na literatura entre televisão e educação. Análise dos episódios da primeira temporada do programa foi realizada com base na Pedagogia Freinet buscando aproximações entre os dispositivos utilizados no programa e os dispositivos pedagógicos criados por Freinet.

Os resultados descritos na forma de temas concluem pela não identificação das técnicas utilizadas com a Pedagogia Freinet apenas aspectos semelhantes.

Palavras-chave: Pedagogia Freinet, Programa Supernanny, Dispositivos Pedagógicos

ABSTRACT

The present paper seeks to investigate the pedagogy in the television show aired by SBT (Brazilian System of Television) on open National Television to the entire Brazilian Territory, titled Supernanny. It retrieves the development of Education TV Programs and the established in literature between television and education. The analysis of the episodes of the first season was based on Freinet Pedagogy seeking similarities between the devices used in the program and the pedagogic devices created by Freinet. The results described in the form of themes conclude the no identification of the techniques used with the Freinet Pedagogy, there are just similar aspects.

Keywords: Freinet Pedagogy Program, Supernanny, Pedagogical

Índice

Lista de tabelas	ix
Resumo	vi
Abstract	vii
1. - Introdução	1
2. - Capítulo I	3
2.1 - O evento televisão e sua utilização pela educação	3
2.2 – Programas Educativos	25
3. – Capítulo II	29
3.1 - O Programa Supernanny e a Pedagogia Freinet : uma relação possível?	29
3.2 - A Caracterização da Pedagogia Freinet	37
4. – Capítulo III	58
4.1 – Metodologia	58
4.2 – Caracterização da pesquisa	58
4.3 - Etapas do estudo	60
4.4 - Procedimentos de Análise de Dados	61
5. – Capítulo IV	63
1 – Resultados e Discussão	63
2 - Analisando os episódios	64
3 - Classificação do Programa	83
4 – Contextos	83
5 – Objetivos	84
6 - A importância dos pais na educação dos filhos	86
7 - Método	89
8 – Comparação dos dispositivos do programa com a Pedagogia Freinet	90
9 - Considerações Finais	95
10 - Referências Bibliográficas	98
11 – Bibliografia Consultada	101

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Incidência dos Problemas diagnosticados nas famílias	77
Tabela 2 - Incidência dos Dispositivos utilizados pela Pedagoga nos episódios	80
Tabela 3 – Comparação do programa Supernanny e Pedagogia Freinet	91

INTRODUÇÃO

O presente estudo procura analisar o conteúdo “educativo” de um programa televisivo considerado um reality show, pois, segundo Almeida (2005), são programas que acompanham, por um período de tempo determinado, toda a intimidade de pessoas que se submetem a relacionamentos em ambientes isolados. O programa em questão, intitulado Supernanny, tem como base os modelos inglês e norte americano, que em seus locais de transmissão obtiveram grande sucesso e ainda hoje são líderes de audiência nessas localidades. No Brasil, este modelo é produzido e exibido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) desde 2006.

A ideia dessa pesquisa surgiu de uma observação primária do programa Supernanny, e a pontuação de alguns aspectos freinetianos dentro da atração televisiva e a notoriedade que ele vinha ganhando em diferentes meios de comunicação e em particular na educação.

Por se tratar da televisão, de um meio de comunicação de massa, a que a maioria dos brasileiros possui acesso, sabendo que a mídia está associada ao lazer e ao prazer, esse trabalho tem como um dos objetivos identificar a pedagogia instituída neste programa televisivo.

Após ouvir alguns relatos de profissionais da educação, sobretudo professores que utilizavam o método apresentado no programa em sala de aula e constatando que ele ganhava a cada dia mais espaço dentro das escolas, formulamos algumas indagações, num primeiro momento de caráter pessoal, e mais tarde refletimos sobre a possibilidade de realizar um estudo mais empírico sobre essas questões.

O nosso problema de pesquisa foi diagnosticar o que da Pedagogia Freinet havia sido instituído no Programa Supernanny. Analisar um programa televisivo por meio da ótica de Freinet foi sim um dos nossos principais objetivos. Assim, a indagação central que orientou este trabalho foi: Quais aproximações podemos realizar entre a Pedagogia Freinet e o Programa televisivo Supernanny?

Iniciamos este estudo procurando apresentar capítulo I, a importância da televisão na educação, tendo em vista que ela caracteriza um meio de comunicação de massa a distância, que algumas vezes permite uma interação com o telespectador. Para responder a essa primeira questão, apresentamos a história dos programas educativos no Brasil, perpassando os diferentes programas que apresentam conteúdos destinados ao

público infanto-juvenil, relacionando a educação e a televisão e sua contribuição para a aprendizagem.

Em seguida, apresentamos, no capítulo II, nosso objeto de estudo, um programa presente atualmente em mais de vinte países, com mais de trinta mil inscrições. Programa esse nomeado Supernanny, exibido pela TV aberta no canal SBT (Sistema Brasileiro de Comunicação). Nossa preocupação não está relacionada ao show apresentado para os telespectadores, mas sim com o método utilizado pela pedagoga Cris Poli em seu programa.

O nosso referencial teórico é constituído pela Pedagogia Freinet, criada pelo educador francês Celestin Freinet, nascido ao sul da França em 1896, que desenvolveu um método particular e único, destinado a uma educação diferenciada da época. A partir da análise das técnicas da escola tradicional e todo o colapso que a circundava, Freinet buscou desenvolver uma pedagogia em que os alunos fossem seres participantes do processo de aprendizagem, ou seja, seres autônomos de sua própria educação, com a supervisão de um professor.

Apresentamos no terceiro capítulo a metodologia utilizada na pesquisa, caracterizando-a como uma pesquisa qualitativa representada pelo método comparativo constante.

A apresentação e a discussão dos dados obtidos ficaram registradas no capítulo IV, em que são realizadas a análise dos episódios e as possíveis comparações entre os objetivos, dispositivos e contextos de Freinet no Programa Supernanny.

Para encerrar, são apresentadas as considerações finais, que buscaram sistematizar toda a reflexão aqui desenvolvida.

CAPÍTULO I

1 - O evento televisão e sua utilização pela educação

Para contar um pouco da trajetória da televisão, voltamos ao dia 18 de setembro de 1950, data em que a televisão – de modo muito precário - chega ao Brasil, com o primeiro estúdio instalado na cidade de São Paulo, a TV Tupi-Difusora, que pouco tinha a oferecer em recursos e tecnologia.

Assis Chateaubriand foi a principal figura com a iniciativa de propagação da televisão entre os populares, o jornalista contribuiu de maneira significativa para a extensão deste meio de comunicação. De acordo com Mattos (1990, p.11 e 12)

Quando a televisão começou no Brasil, praticamente não existiam receptores. O total não passava de 200, mas visando a popularizar o veículo, Chateaubriand mandou instalar alguns aparelhos em praça pública a fim de que as pessoas pudessem assistir aos programas transmitidos.

Se pelo contrário era necessária a atuação voluntária para divulgação e popularização da televisão, hoje, após 59 anos, este aparato eletrônico encontra-se presente na maioria dos lares e espaços públicos, além de estar também no imaginário social, vindo a constituir, portanto, a própria identidade nacional (BACCEGA, 2003).

Embora a difusão tenha ocorrido de modo avassalador, o mesmo avanço não ocorreu com relação aos estudos sobre televisão, pois somente a partir de 1970 verificou-se o surgimento no Brasil - mesmo que de modo retraído – estudos voltados para a mídia, graças à fundação dos cursos de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Deste modo, a mídia começa a ganhar relevância no âmbito acadêmico, porém, a área educacional só se interessou por esse tema mais recentemente (SETTON, 2002).

Siqueira (2004, p. 102) caracteriza a televisão como:

(...) um sistema eletrônico de transmissão instantânea de imagens e som para aparelhos receptores, que são capazes de reproduzir o sinal numa tela. A constituição de um sistema de radiodifusão como o conhecemos hoje é fruto de uma série de descobertas em áreas que vão da química à matemática, e que remontam ao início do século 19. A descoberta das propriedades do Selênio, metal que tinha a capacidade de transformar energia elétrica em energia luminosa,

atentou para a possibilidade de transmissão de imagens por meio de corrente elétrica.

A partir do avanço tecnológico e das inúmeras descobertas nasce esse artefato, que possibilita a transmissão de fatos e acontecimentos e tornaria o mundo um lugar muito “pequeno”, pois a dimensão e velocidade alcançadas na propagação de fatos e notícias são inimagináveis, frutos da tecnologia do século XXI. Isto permite a conexão de culturas distintas e dos modos de vivenciar a vida em cada ambiente.

Vivemos num mundo em que o tempo é veloz, as informações instantâneas, as notícias acontecem de acordo com o objetivo de determinada emissora, somos reféns da televisão e de outros meios de comunicação. Segundo Baccega (2003, p.61), a escola encara toda essa realidade com um grande desajustamento, assim sendo:

Enquanto a escola continua com sua retórica pedagógica conservadora, ocupando todo o tempo de sala de aula com esse discurso, o discurso dos meios de comunicação está presente no âmbito da escola, de maneira clandestina. Não adentram as salas de aula, mas estão nos corredores, nos intervalos, nas conversas informais, tanto de professores quanto de alunos.

Faz-se necessário que esses diálogos saiam da clandestinidade e façam parte do discurso dentro de sala de aula, com objetivo de educar os alunos para o ato de assistir à TV de maneira consciente.

Baccega (2003) afirma que a escola tem um grande desafio a romper que envolve três pontos essenciais que precisam encontrar um fator comum: o primeiro ponto se refere ao discurso pedagógico tradicional, com todas as suas regras e seus objetivos; o segundo trata da cultura escolar, o que ocorre dentro das escolas há algum tempo; e o último ponto é constituído pela cultura atual dos alunos, sua realidade, aquilo que acontece no dia-a-dia de cada um e que trazem para a escola.

A respeito do modo como a televisão é pensada, Moran (1995) e Marcondes Filho (1988) nos trazem informações que se completam, quando Moran (1995) argumenta que a televisão assim como o vídeo trabalham com os nossos sentidos e estão presentes em diversas formas: pelo som, pelo close, pelos recortes visuais, pelas cores, por cenários, pelo movimento, pelo espaço, personagens, pelas estórias, fatos entre outros aspectos, e continua dizendo que os programas televisivos são fruto de um trabalho coletivo construído através de um texto e são produzidos a partir de modelos pré-existentes, seguindo assim padrões e normas já consagrados entre os telespectadores.

Moran (1995) certifica que:

A lógica da narrativa não se baseia necessariamente na causalidade, mas na contiguidade, em colocar um pedaço de imagem ou história ao lado da outra. A sua retórica conseguiu encontrar fórmulas que se adaptam perfeitamente à sensibilidade do homem contemporâneo. Usam uma linguagem concreta, plástica, de cenas curtas, com pouca informação de cada vez, com ritmo acelerado e contrastado, multiplicando os pontos de vista, os cenários, os personagens, os sons, as imagens, os ângulos, os efeitos.

Para Marcondes Filho (1988), a televisão desenvolve uma relação extensiva com a imagem, o fluxo de informação e a quantidade de imagens utilizadas dentro da televisão, não permite que os telespectadores fixem detalhes de uma mensagem apresentada, ocorre também uma sucessão de imagens transmitidas rapidamente dificultando uma reflexão, um aprofundamento, uma análise mais precisa de alguns fatos.

A programação tem por base temas pouco aprofundados e transmite informações em pequenas doses, explorando, em alguns casos, a emoção, a contradição, e geralmente fatos e ações inesperadas. Segundo Moran (1995), as imagens e os temas se constituem em rápidas sínteses de assuntos variados.

Os telespectadores acabam se tornando reféns da própria TV, tendo em vista que as especificidades de um determinado assunto são escolhidas previamente por seus idealizadores e, segundo o autor acima, são “impostas”, prejudicando o direito de escolha e de concentração em outros pontos importantes de um mesmo assunto.

Siqueira (2004) nos propõe pensar sobre a lógica da TV como sendo inversa à lógica escolar, ao invés de relação causa e efeito, coerência interna, princípio da não-contradição, a televisão utiliza a lógica das imagens, das palavras e da música, seguindo critérios advindos da mente de um produtor baseado em padrões comerciais.

Marcondes Filho (1988, p. 13) afirma ainda que:

Se pela fotografia podemos imaginar a cena segundo nossos desejos, na televisão a imagem não é mais um meio, não é mais uma ponte – ela apresenta a realidade já pronta. Ela é a própria realidade.

Assim sendo, a televisão representada por seus programas exhibe de forma simplificada algo que julga “importante” sabermos, uma realidade controlada e previsível sem discussões e/ou reflexões sobre o assunto.

Tais mecanismos de fixação fazem com que as emissoras criem mecanismos de propagação de produtos e programas, em sua maioria voltados para a população mais carente, o que torna este meio de comunicação, segundo Almeida (2005), um meio de comunicação de massa a distância, que poucas vezes permite a interação direta do telespectador com o destinatário da mensagem, impondo uma ideologia dominante a seus usuários. A autora afirma ainda que a televisão em certos casos é a única forma de lazer da maioria de brasileiros, por tal razão acaba por invadir a vida e também toda a intimidade do telespectador - desde que ele permita - associando ao seu dia-a-dia episódios e acontecimentos que ocorrem em um plano paralelo e por muitas vezes diferente daquele que o telespectador vivencia.

Oliveira (2003) afirma que os meios de comunicação de massa são elementos fundamentais, exercem inúmeras funções e funcionam associados ao exercício do poder e da ordenação da vida coletiva. Uma vez que a mídia atravessa todas as camadas da sociedade e controla vários modos de vida da população como comportamento, estilos de vida, modos de organização do cotidiano, tipos de leitura, de escrita, o que sonhar, o que ouvir, maneiras de falar, o que sentir, o que pensar, entre outros, ou seja, a mídia é parte integrante da paisagem da vida social moderna.

A relação entre mídia e poder caracteriza-se pelo controle da programação, utilizando padrões de produção, que têm como objetivo a geração de necessidades e expectativas para a massificação da informação e da vida, por ser a televisão este importante meio de comunicação, modificando e ditando maneiras de viver e se portar. Siqueira (2004) nos traz uma grande contribuição quando destaca que no Brasil atualmente existem três modelos de televisão: pública, didática e comercial.

A televisão pública é aquela que abrange tudo o que é caracterizado de interesse e de importância humana, conforme o documento elaborado em 1950 pela Comissão Carnegie (1967 apud SIQUEIRA, 2004), que não seja financiada pela publicidade e nem preparada para o ensino, fazendo parte dessa categoria a TV Cultura, que recebe o apoio da Fundação Padre Anchieta.

A TV didática é qualificada para informar e formar estudantes dentro do ensino formal, recorrendo, assim, ao instinto de trabalho, aprendizagem e aperfeiçoamento de cada um. Este modelo didático é representado pela TV Escola (TVE), ligada diretamente com o governo federal.

Por fim, temos a televisão comercial que é aquela financiada por diversas marcas a partir das publicidades. Sendo este o modelo predominante no Brasil, impulsionado pela

Rede Globo, seguida pelas redes Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Rede Record, Bandeirantes e Rede TV!, em canais abertos de televisão.

A TV de hoje não é mera “observadora” que possui apenas a função de transmissão, atualmente ela é parte do acontecimento. Para melhor explicitar isto, Baccega (2003) demonstra o exemplo eleitoral e aponta que os fatos que ocorrem durante as eleições e também os programas eleitorais são apresentados aos telespectadores num modelo de programa de entretenimento.

Além disso, é por meio da TV que as máscaras da maioria dos políticos e todos os escândalos envolvendo essa temática despencam, as instituições se tornam algo falidas e sem reputação. Existem programas atualmente especializados em conferir promessas políticas, cobrando e exigindo prazos para que obras sejam realizadas e promessas eleitorais sejam cumpridas.

A influência da TV vai além da desconfiança política e do descrédito das instituições, pois, segundo Baccega (2003), os jovens atualmente obtêm informações e adotam os comportamentos exibidos na telinha. Um exemplo claro disso é a influência da cultura norte-americana no Brasil, visto que alguns de nossos jovens sabem mais de outras culturas do que de seu próprio país.

Diante da má qualidade de certos programas nacionais, Almeida (2005) afirma que cabem aos pais e/ou responsáveis algumas atitudes para evitar determinados prejuízos à formação moral de suas crianças, acompanhando de perto a programação a que seus filhos assistem e organizando-se para cobrar um conteúdo ético e moral das emissoras brasileiras. Para tanto, exige-se uma programação compromissada com o desenvolvimento infanto-juvenil, afinal elas são concessões públicas e têm uma função social a cumprir, pois se vislumbra que:

Toda mensagem, mesmo a denominada de “entretenimento”, apresenta uma intencionalidade e, por isso há a necessidade da leitura crítica e de classificar a programação, entre a que irá contribuir e a que irá prejudicar a formação da personalidade sadia de nossas crianças e adolescentes. Nossa sociedade necessita de cidadãos críticos, criativos, sensíveis à realidade em que estão inseridos e, acima de tudo, pro-ativos, que acreditem em sua capacidade de operar mudanças positivas na conjuntura. É necessário que essa mensagem transpareça em todos os meios de informação que contribuam para a formação da realidade social (ALMEIDA, 2005, p. 54).

A TV estabeleceu o hábito de os telespectadores saborearem contos e histórias impossíveis durante as noites, depois de um dia exaustivo de trabalho.

Marcondes Filho (1988, p. 109) afirma que:

Ela fixou socialmente a dispersão entre princípio de realidade e princípio de prazer, respectivamente o dia-a-dia de trabalho, o cansaço, o desgaste, a obrigação, o dever e o descanso, o relaxamento, a tranquilidade, o sonho.

Atualmente no Brasil, as telenovelas são um dos programas de maior audiência entre jovens e adultos e são, segundo Porto (2000), o programa televisivo classificado como o “milagre brasileiro”, pois a maioria dos lares nacionais e internacionais assiste a elas. “A novela, como é conhecida, faz parte do cotidiano de pessoas de todas as idades, de crianças a idosos. Suas tramas são discutidas em locais de trabalho, rodas de amigos entre outros.” (PORTO, 2000, p. 42)

Os roteiros dessa programação se espelham na forma dos contos de fadas, nomeado por Oliveira (2003) como contos de fadas eletrônicos, apresentando estruturas narrativas já utilizadas pelo rádio em fotonovelas. As telenovelas assim como os programas que demonstram a realidade na televisão contribuem para o empobrecimento e banalização do cotidiano.

De acordo com Almeida (2005), algumas redes de televisão “abertas” oferecem grande quantidade de programas de baixa qualidade sociocultural, reflexo de uma situação na qual não há colaboração dos diversos setores da sociedade. Exemplos destes setores são:

- os financiadores de propagandas: a nossa televisão apoia-se num formato comercial e pouco se preocupa em conscientizar a população com a exibição de comerciais inteligentes;
- os telespectadores: que mesmo discordando da programação não se movimentam para exigir melhores opções;
- a falta de profissionais especializados: profissionais da área educacional, detentores de competência para atender às necessidades socioculturais e psico-pedagógicas que um programa infantil exige; e
- o descaso com a legislação existente para amparar os direitos da criança e do adolescente, direitos estes presentes em seu Estatuto.

Baccega (2003) afirma que audiência jovem caracterizada de acordo com as diferenças sociais, a classe social, gênero, conhecimento, fatores culturais, valores

ideológicos entre outros, apresenta as seguintes preferências: em primeiro lugar a ficção, logo em seguida propagandas e por últimos fatos reais. O que se destaca na TV para os jovens atualmente é o caráter narrativo, pois seduz com suas histórias que abrangem sensações e emoções. Os jovens querem ver seus problemas, seus dilemas, suas dúvidas serem vividos e solucionados em histórias televisivas.

O conteúdo veiculado pelas emissoras nacionais atualmente, segundo Mattelart (1979 apud ALMEIDA, 2005), é constituído por entretenimentos superficiais com baixo nível cultural, muitos deles considerados verdadeiros “commodities (produtos de uso mundial)”, resultantes da influência de programas importados, a exemplo dos famosos reality shows tão copiados aqui no Brasil. O percentual dos programas dedicados à educação é demonstrado pelos programas jornalísticos e alguns programas com intencionalidade didática.

Segundo Porto (2000), é por meio de novelas, seriados, filmes, propagandas e programas educativos, que os meios de comunicação - em sua maioria, utilizados pela elite da sociedade e pelo Estado - propagam suas ideologias e ideais. É também por meio dessa propagação do marketing televisivo que emissoras de televisão organizam sua programação apoiadas nesta ideologia dominante.

Outro auxiliar desta ideologia dominante são os textos presentes em programas de televisão, divididos entre entretenimento, publicitários e informativos, porém esses mesmos textos podem aparecer juntamente com outros diferentes tipos. Os textos de entretenimento são empregados em filmes, obras de ficção, telenovelas, seriados, clipes musicais, reality shows, sitcom que, de acordo com Almeida (2005), são seriados ficcionais, porém com conteúdo baseado em situações da vida real, entre outros. Os textos publicitários são visualizados em propagandas e publicidades nos intervalos comerciais para vender marcas e produtos. E os textos informativos, de acordo com Almeida (2005), são encontrados em programas jornalísticos, documentários e também em alguns casos em programas educativos.

A proliferação de programas que invadem a intimidade e colocam a vida privada e a intimidade sexual de algumas pessoas em vitrine, é identificada por Baudrillard (2001, apud FISCHER, 2006) como o ato de um “desejo do espetáculo da banalidade”. A partir do momento em que os acontecimentos e os fatos do mundo se tornam cada vez mais insuportáveis, a mídia descobre a riqueza dos fatos da vida cotidiana e a

(...) banalidade existencial como acontecimento mais mortífero, como atualidade mais violenta, o próprio local do crime perfeito. O que é, na verdade. E as pessoas ficam fascinadas e aterrorizadas pela indiferença do nada-a-dizer, nada-a-fazer, pela indiferença da própria existência (BAUDRILLARD, 2001, p.12 apud FISCHER, 2006, p.37).

Atualmente, o que se procura assistir na TV é, em muitos casos, a exibição da intimidade pessoal, seja do apresentador, do ator ou do autor. A ficção já não interessa tanto, tem-se a ilusão de que as câmeras podem filmar a verdade mais íntima dos indivíduos.

Siqueira (2004) descreve ainda que a televisão é dualista: retrata a vida cotidiana como um atrativo para o público e guia os interesses de uma sociedade capitalista consumista. Na tentativa de homogeneizar a sociedade, massificando-a segundo a lógica midiática, fica evidente o surgimento de uma possível amenização de conflitos sociais a partir do sedentarismo de ideias e pensamentos.

De acordo com Porto (2000), a mídia trabalha sobre diferentes setores da sociedade - na estrutura política, na ciência, na arte, na produção, no consumo, nas relações de propriedade - procurando sempre explicá-los e solucioná-los, sem excluir pela raça, sexo, classe social, idade, religião, deste modo tenta alcançar todo tipo de telespectador, além de se constituir como uma das únicas formas de lazer para as classes sociais de baixa renda. Segundo Machado:

A televisão penetrou tão profundamente na vida política das nações, especularizou de tal forma o corpo social, que nada mais lhe pode ser “exterior”, pois tudo o que acontece de alguma forma pressupõe a sua mediação, acontece, portanto *para a tevê*. Aquilo que não passa pela mídia eletrônica torna-se estranho ao conhecimento e à sensibilidade do homem contemporâneo. Não se diz mais que a televisão “fala” das coisas que acontecem; agora ela “fala” exatamente por que as coisas acontecem nela (MACHADO, 1998, p. 8 apud FISCHER, 2006, p. 17).

A autora alude ainda à TV como um grande homogeneizador universal deste século, por esta razão, em todos os países prevalecem os programas de entretenimento, os talk-shows, as telenovelas, seriados, independentemente do grau de desenvolvimento de cada nação, surgindo como um fenômeno comercial e social. Embora cada país

possa apresentar adaptações diferentes de seus programas, a programação é universal caracterizando assim o fenômeno da globalização.

É através da mídia e de sua relação com o telespectador que a formação desses grupos se torna comum e tão prazerosa, tendo em vista que a mesma entrelaça seus telespectadores em uma rede de saberes e entretenimento. Em alguns programas, de forma diferenciada se aprende enquanto se assiste.

Siqueira (2004) nos relata essa relação entre mídia e o telespectador como sendo:

(...) prazerosa – ninguém obriga – é feita através da sedução, da emoção, da exploração sensorial, da narrativa – aprendemos vendo as histórias dos outros e as histórias que os outros nos contam. Mesmo durante o período escolar, a mídia mostra o mundo de outra forma – mais fácil, agradável, compacto, sem precisar fazer esforço. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia continua educando como contraponto à educação convencional, educa enquanto estamos entretidos (SIQUEIRA, 2004, p. 46).

Baccegga (2003) afirma que a prova da importância da TV atualmente no Brasil ocorre pela limitação do espaço público, que começa e termina em seus limites. Deste modo, o que não saiu na TV não aconteceu, ou seja, as edições televisivas selecionam os fatos a partir de diferentes interesses, meramente comerciais e, até pelo espetáculo da informação, determinam se os fatos são ou não importantes para o restante da população.

Orozco (2001) enfatiza a dominação da TV sobre as outras formas de cultura, ao afirmar que:

O problema é que a televisão tem se convertido em algo tão central que expulsou os outros meios e outros tipos de manifestações culturais ao ponto de monopolizar o tempo livre da população (OROZCO, 2001, p. 102).

Não é mais preciso sair de casa para ter lazer, pois o aparelho de televisão está lá todos os dias para esvaziar as tensões de um cansativo dia de trabalho. Manuseado por cinco ou seis horas em média na casa dos brasileiros, para devolver ao trabalhador forças no desafio do próximo dia, a televisão então cumpre sua missão de emitir mensagens de caráter infinito, com conteúdos que se parecem diferentes (SIQUEIRA, 2004).

Diante do exposto, surge o seguinte questionamento: Qual o papel desempenhado pela televisão nos lares brasileiros?

A criança urbana perdeu seu espaço físico de brincadeiras e jogos, como o quintal, jardim, parque e até mesmo a rua. Encontra-se, na maioria do tempo, sem a presença de seus pais, confinadas assim dentro de seus lares, por medo ou por segurança. Baccega (2003) afirma ainda que as crianças leem menos, dormem mais tarde e vão muito pouco ao cinema, dedicando mais tempo à TV do que à escola.

O hábito televisivo aparece na busca pelo entretenimento diário, “substitui-se a atividade criativa (jogar) pela atividade receptiva (assistir à TV)” (ALMEIDA, 2005, p. 30). É também pela televisão e por ela que um outro mundo se abre diante das crianças, um mundo de magia, de diversão e alguns casos de instrução.

A separação entre os dois mundos existentes pelo código escrito, o adulto e o infantil, torna-se um pouco mais complicada, tendo em vista que a forma da escrita destinada aos adultos é caracterizada por um vocabulário mais formal e rebuscado enquanto os livros para o público infantil têm uma linguagem mais simples. Pela TV, segundo Baccega (2003), essa separação se torna mais complexa e difícil, pois é um pouco mais complicado proibir a criança de ver certo programa do que não ler esse ou aquele livro. As imagens evidenciam, deixam claro, aquilo que estão mostrando, enquanto certas palavras para as crianças não significam nada.

Baccega (2003, p. 64) afirma ainda que:

Desse modo, as crianças passaram a perceber os adultos tal qual eles são: muitas vezes incoerentes, às vezes violentos, capazes de se embebedar-se, de maltratar uns aos outros etc. Assim, a autoridade dos adultos, sobretudo a paterna, baseada nas figuras construídas, plenas de virtudes, sofre grande abalo. E o mais natural tem sido atribuir esse fato à televisão.

A televisão produz uma desordem radicalizando aquilo que já está inserido na sociedade, os papéis não são alterados, são apresentados tal como eles existem e são vividos, porém essa exposição do cotidiano faz com que as pessoas se choquem com a realidade.

É inquestionável a presença da mídia televisiva nos lares nacionais, pois a maioria das famílias em momentos de lazer se encontra em frente à TV, toma café da manhã, almoça e janta conversando sobre aquilo que aconteceu e acontece na televisão. Para Baccega (2003), a TV atravessa constantemente o diálogo entre pais e toda a dinâmica familiar. Ressalta que:

A televisão não é visita na sala de estar. Está presente em todos os cômodos da casa e, a cada momento, alterna-se no papel de pai, mãe, irmã mais velha, babá, amiguinha, amiguinho, sob a perspectiva do telespectador infantil (ALMEIDA, 2005, p. 30).

Assim sendo, no entender de Benjamim (1985 apud PORTO, 2000), o telespectador bem como o leitor em uma obra de ficção buscam na identificação com os personagens a necessidade de resolução de conflitos que ambos não conseguem resolver na vida real. Toda a magia representada na televisão dá segurança, pois transmite fantasia e vai ao encontro de algumas necessidades humanas.

Porém o que se percebe, segundo Porto (2000), é que a televisão é um meio de expressão, em que as cenas reais ou de ficção são aspectos do espetáculo, dos acontecimentos e não de ideias como nos livros. As telenovelas e telejornais são formados por imagens e estilos e pouco por palavras e argumentos elaboradas a partir de temas superficiais que extraem proveito dos temas emocionais e contraditórios, exigindo pouco envolvimento e esforço do telespectador. Porto (2000) relata ainda que as telenovelas e diferentes tipos de programas:

São ficções construídas com “imagens eletronicamente emaranhadas”. A realidade é **reconstruída**, a miséria social sofre uma “cirurgia plástica”, perdendo seu perfil social e fragmentando-se na problemática de cada cena. A realidade é passada pelas representações sígnicas estereotipadas (PORTO, 2000, p. 44).

Na televisão, tanto jornalistas quanto atores e apresentadores, apresentam-se esteticamente mais belos e elegantes, passam por uma assepsia, um embelezamento visual que interessa, não somente aos profissionais da área televisiva, mas também ao público que os idealiza, pois tudo na televisão é mais bonito e mais intenso.

A TV, segundo Baccega (2003), apresenta um modo único e próprio de ver e representar o país e o mundo, difundindo, para todos os telespectadores, maneiras de perceber as diferenças sociais e raciais entre tantas coisas.

Baccega (2003, p. 58) afirma ainda que:

Deste modo, ela exerce enorme influência na nossa cultura, tendo-se transformado no que, às vezes, é o único suporte de reconhecimento dos brasileiros. Em uma sociedade como a nossa, diferentemente das sociedades desenvolvidas, a TV exerce essa enorme influência porque não existem outros canais de mediação: pouco se lê jornal, poucos têm acesso à literatura, a escola parece estar defasada, a família é também alvo da própria TV.

Marcondes Filho (1988) nos apresenta a facilidade entre a TV e seus telespectadores no que se refere a relacionamento, ou seja, as relações entre as pessoas físicas, reais e humanas, são prováveis de perturbações classificadas como um pouco mais difíceis pelo autor, pois estão sujeitas a elementos externos entre outros, por outro lado a relação TV X telespectador ocorre de maneira facilitada, pois:

De fato, diferentemente do contato com vizinhos, parentes e amigos, a relação das pessoas com a TV é mais fácil. Elas não precisam responder (basta ouvir o que a TV fala) e têm o controle total da ação (podem decidir se querem ou não o contato). Porém, ao mesmo tempo, a televisão isola completamente as pessoas, sem que elas percebam. (MARCONDES FILHO, 1988, p.9)

Para o referido autor, esse isolamento ocorre de forma imperceptível, pois o telespectador se sente acompanhado pela programação televisiva, se sente presente, em entrevistas, filmes, novelas, seriados, e essa sensação permite uma presença imaginária, um relação de companhia entre TV e telespectador.

Baudrillard (1993 apud PORTO, 2000) nos faz refletir sobre a televisão, que, por meio de suas imagens, suprime toda a distinção entre a realidade e a ficção, permitindo somente uma simples “percepção-tela”. Ela aplica sua indiferença ao mundo e aos telespectadores, conseqüentemente, na indiferença virtual com que a recebemos, a rua torna-se um alongamento do estúdio, ou seja, uma localidade virtual do acontecimento.

A TV brasileira deseja atualmente apresentar mais do que entretenimento para seus espectadores, realiza variadas campanhas que funcionam como a “salvação”, qualificando-as acima do bem e do mal, por esse motivo a mobilização da sociedade é tão expressiva e eficaz.

É por meio das pesquisas do Ibope que são indicados fatores como satisfação, audiência e principais interesses dos telespectadores que alguns programas televisivos procuram adaptar às necessidades de seus usuários, satisfazendo seu público.

Com o avanço da tecnologia e todo seu aparato eletroeletrônico, as informações se tornam cada vez mais disponíveis e de fácil acesso, sendo assim, a educação recebe mais uma atribuição: contribuir com o processamento dessas informações a fim de analisá-las criticamente.

Para melhor explicitar o conceito de educação, recorreremos a Porto (2000), que a conceitua como um processo de comunicação democrático, uma vez que a educação

“prepara” o indivíduo para a vida, em suas decisões mais complexas e contribui, assim, com suas mais diversas formas de expressão. Uma educação de qualidade é aquela que colabora com o processamento de informações, visto que a acessibilidade avança rapidamente, disponibilizando a todos uma gama de informações contínuas diariamente.

Toda prática comunicativa corresponde a um ato pedagógico, neste sentido o diálogo entre a mídia e a educação acontece há tempos, sendo aceito por muitos. A educação não pode ser realizada somente pela escola e pela família, pois diferentes instituições, como a mídia, participam dessa ação pedagógica. “Para o bem ou para o mal, a comunicação em massa está presente em nossas vidas, transmitindo valores e padrões de conduta, socializando muitas gerações” (SETTON, 2002, p. 103).

Porto (2002) assegura que o desenvolvimento da comunicação tecnológica e da atual função da escola diante de toda essa ampliação aspira à inserção das mídias no contexto escolar, objetivando um entendimento crítico e questionador com a formação de telespectadores conscientes. Porém, a autora não deseja que a utilização dos meios de comunicação seja apenas meros auxiliares na elucidação de conteúdos escolares, alterando a verdadeira função e razão destes meios dentro de sala de aula.

Porto (2000, p.36) propõe a teoria pedagógico–comunicacional, como dispositivo para essa relação entre comunicação e educação, na qual

É uma pedagogia –comunicacional, que, considerando as comunicações - as mídias, as relações com elas e as relações permeadas por elas - pretende contribuir com o exercício da prática da liberdade, fazendo da educação um ato de aproximação da realidade.

A pedagogia comunicacional deve ter como objetivo a educação dos telespectadores, dando-lhes uma visão crítica e realista do papel comercial da televisão, tendo em vista que a TV é formadora de opiniões, de tendências, de comportamentos, além de exercer um amplo poder na vida dos que a utilizam.

Entende-se por pedagogia comunicacional aquela que estabelece ligações entre as comunicações e os conhecimentos escolares, considerando as mídias como parte integrante desse contexto. Porto (2000) descreve a teoria pedagógico-comunicacional como um diálogo com as mídias e não apenas sobre elas.

Uma pedagogia concebida para trabalhar a comunicação democrática, além de ultrapassar as experiências do educando, deve ainda estimular diversas necessidades

como: desvendar estereótipos, rótulos, regras, referências, verdades entre outras inúmeras descobertas.

É por meio desse conhecimento que se permitem ao aluno a convivência e a participação no mundo. Não se trata de uma pedagogia sobre os meios escolares, mas sim, de uma pedagogia que desenvolva uma troca com os telespectadores e seus conhecimentos, seus saberes (PORTO, 2000)

Nesse ponto, algumas reflexões devem ser colocadas em pauta. Siqueira (2004) aponta para alguns questionamentos importantes sobre “Como a televisão, criada e desenvolvida nos moldes da indústria cultural, pode servir à educação escolar?”, e complementa sua análise apresentando diretrizes para responder a essa questão.

A primeira diretriz proposta é a criação de instrumentos pedagógicos que darão suporte para um olhar mais crítico dessa cultura televisiva, mecanismo que pode e deve ser usado em projetos de leitura de propagandas, capítulos de novelas, filmes entre outros, em diferentes disciplinas.

A segunda diretriz proposta pela autora trata da necessidade de a escola criar seus mecanismos de expressão, utilizando as diversas formas de mídias, na criação e produção de uma TV estatal - mantida pelos governos estadual e federal – e/ou uma TV pública, mantida por órgãos não governamentais - ambas com propostas diferenciadas da atual TV comercial.

Em alguns países do mundo, iniciativas de educação para os meios de comunicação já foram realizadas, segundo Orozco (2001), na Colômbia, no México, na Argentina, no Chile e na Espanha.

Um ótimo modelo é o da Espanha, em que professores da Educação Básica que lecionavam pedagogia da imagem se uniram a pesquisadores de comunicação e entrevistaram junto ao Ministério da Educação para a proibição de publicidade de drogas e/ou violência. Desde então, o governo espanhol decidiu que das 15 horas até as 19 horas não haveria esse tipo de publicidade (OROZCO, 2001)

Seguindo o mesmo exemplo - de acordo com o autor citado acima - no Chile ocorreu algo semelhante, além da aprovação da Lei de Diretrizes Básicas, uma disciplina intitulada Educação para os Meios foi inserida no currículo do curso Primário.

No México, os profissionais da educação entre outros profissionais de diversas áreas estão em discussão com o Ministério da Educação para o recebimento da programação mensal antecipada da televisão, a fim de que ocorra uma mobilização dos

professores para a organização do itinerário a ser estabelecido pela escola, de acordo com o conteúdo a ser exibido.

Na Colômbia, existem associações de telespectadores que se reúnem para discutir e aprender sobre os efeitos e a linguagem televisiva a partir de conferências sobre os diferentes temas televisivos, tendo criado, deste modo, um Centro de Documentação, através do qual é feita a classificação dos canais e programas oferecidos à população.

Orozco (2001) relata que embora estejam na moda estudos sobre novas tecnologias, os estudos sobre televisão continuam atuais, pois a televisão permanece em toda a América Latina como a principal fonte de diversão e informação dessa população.

O maior problema educativo na América Latina refere-se ao da educação para os meios, na qual a questão não é a qualidade do programa, ou sua ideologia, segundo o autor, isto é uma questão familiar - a família deverá resolver a que programas assistir. É função da família e da escola auxiliar crianças e jovens a ver televisão, desvendando juntos o porquê de cada programa, cada propaganda e episódio, delimitar tempo e programas apropriados e sempre esclarecer o motivo e os fatores dessa ou daquela programação permitida ou proibida.

No Brasil, a verdade é que a televisão é uma das mídias mais importantes com poder de inclusão nacional. Como informa Almeida (2005), a maioria dos brasileiros incluiu prontamente a programação televisiva em seus hábitos e horários diários. Grande parte da população encontra na tela da TV a única forma de informação, entretenimento e em alguns casos aprendizagem, portanto, é de se considerar a responsabilidade daqueles que se propõem a criar conteúdos para propagação nesse tipo mídia.

Meirieu (2006) questiona ainda o papel do controle remoto em nossas vidas e exclusivamente nas mãos de nossas crianças. Observa que os alunos atuais são diferentes dos alunos de cinco, seis anos atrás, atualmente vivemos em um tempo confuso em que a mídia atua de forma predominante e maciçamente em todos os setores e sobre a maioria de nossas crianças e adolescentes. Pensando nisso, nos perguntamos o que significa o controle remoto em nossas vidas? Esse objeto, explica o autor, não significa apenas um acessório que se coloca em uma mesa da sala, ou do quarto, mas sim “um objeto totalmente interiorizado” (MEIRIEU, 2006, p. 60).

O controle remoto caracteriza uma regressão infantil, essa conexão do sujeito com o mundo na palma da mão através de um “click” reduz o indivíduo a não ser nada

além de uma manobra fácil de seus próprios caprichos. Por meio desse controle, temos a “dominação do mundo”, tudo se torna possível e permitido, transformando-nos em telespectadores tiranos, consumidores compulsivos de imagens.

O autor descreve com propriedade as possibilidades da televisão: ela permite que troquemos de programa ou de canal a todo o momento, podendo até assistir a inúmeros canais ao mesmo tempo. O que não acontece em outros programas culturais como teatro, cinema, circo e shows. As pessoas participam do início ao fim sem realizar outras atividades paralelas. Ao assistir à televisão, o indivíduo, pode ao mesmo tempo, fazer/realizar diferentes atividades como assistir a um filme, ver o resultado da loteria federal, o sorteio de um prêmio esperado, o final daquela novela, atender ao telefone, dar comida para seus animais domésticos.

Ao assistir televisão, o sujeito coordena uma porção de atividades dos mais variados tipos, e com o auxílio do controle remoto ele troca de canal em função de suas vontades, a partir do caráter dos programas e de seu próprio momento.

Entretanto, quando se ouvem professores reclamarem que são vistos em sala de aula como se estivessem sendo assistidos pela televisão, Meirieu (2006) explicita que, de acordo com diferentes pesquisas, crianças e adolescentes passam mais tempo em frente à TV do que na escola.

Marcondes Filho (1988) aponta que entre as décadas de 1970 e 1980, a revolução das comunicações e da informática ocasionou um grande choque no ensino formal. Assim sendo, a televisão, em particular, passa a ser uma concorrente desleal contrapondo com a escola e a aula.

O autor aponta quatro fatores a partir dessa relação:

O primeiro fator apresentado trata do ritmo, ou seja, da criação de um novo ritmo a partir da TV. A televisão com seus aparatos, imagens, seus mecanismos visuais, impactos prende a atenção do telespectador com trocas rápidas de cena, diálogos curtos, informações variadas, imagens coloridas e chamativas. E o professor com uma aula clássica, muitas vezes com o recurso somente da fala, não possui o mesmo brilho eletrônico, a rapidez, a versatilidade da TV, “que, além de “mostrar o mundo” corporifica, pela sua própria presença, a ideia do novo, do mais moderno, do veiculador dos signos valorizados pela cultura” (MARCONDES FILHO, 1988, p.104)

O segundo fator apresentado trata do conflito entre o velho e o novo, e o autor caracteriza a figura do professor, representante da escola, limitado de informações, com uma função repressora no que diz respeito à ordem, desempenho e dedicação do aluno,

como a parte velha desse conflito. Entretanto, a TV se apresenta como o novo, pois trata de todos os assuntos, “sabe” sobre tudo, apresenta-se em dia no que diz respeito à moda, não cobra e muito menos pede nada em troca por todos os “benefícios” apresentados. A televisão ainda nos passa a impressão, por meio de seus programas, da sensação de que transmite muito mais conhecimento que uma aula.

A contraposição entre o concreto e o abstrato caracteriza o terceiro fator. O autor descreve a imagem como a parte abstrata, a realização dos sonhos, sem obrigações, sem respostas imediatas de cobrança social. Cabe à escola o concreto, a aula, a cobrança, a obrigação e a responsabilidade.

A televisão acaba por disseminar a falsa impressão de que as informações transmitidas são suficientes, passando ao telespectador a sensação do controle total a partir das informações recebidas, evidenciando que a participação de uma orientação externa, como a de um professor, por exemplo, se torna algo dispensável.

O quarto e último fator faz um confronto entre a televisão e a aula, e o resultado apresentado mostra a vitória disparada da TV, pois ela:

[...] é mais ágil, mais imaginativa, é mais colorida e barulhenta, é mais veiculadora do novo, do que está em moda, libera as pessoas da submissão à presença física do educador, permite liberdade de escolha supostamente maior, aparenta dar mais informação, preenche o imaginário com signos de cultura, dá espaço ao individualismo, ao isolamento, ao “não me amole”, coloca a superficialidade e amenidades no lugar da reflexão e da autocrítica. Ela reforça, como já se viu exaustivamente, uma tendência à acomodação e à não- participação. Entretanto, exerce um fascínio que a aula não consegue obter” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 105).

Assim, professores ficam em frente à lousa explicando conteúdos que julgam importantes e essenciais para seus alunos, enquanto os mesmos repetem ações semelhantes às que executam em frente da TV com seu controle remoto. Os educandos escrevem em agendas, escutam músicas, resolvem palavras cruzadas ou até fazem exercícios da aula seguinte, ficam atentos após alguns gritos e berros ou até mesmo quando alguns assuntos lhes atraem, mas estão, na maioria das vezes, dispersos e desejando poder se teletransportar para outro canal.

Sendo assim, Meirieu (2006) assinala que o controle remoto e toda sua função diante da televisão contribuem para desintegração da atenção, destruindo a percepção linear, desencadeando a agitação e a dispersão.

E a partir do uso desenfreado desse aparelho, que possibilita ao usuário um giro alucinante em apenas alguns botões, as emissoras de televisão criam e recriam uma programação com o número maior possível de chamadas atraentes, para seduzir a atenção do telespectador, mantendo-o conectado em seu canal.

Porém, a troca de canais, nomeado por Meirieu (2006) como *zapping*, acaba por se tornar algo frequente. Para resolver esse problema, as emissoras de televisão organizam seus programas para não sobrar brechas para essa possível mudança de canal.

Assim sendo, qual a saída para o professor diante de todos esses atrativos midiáticos?

Marcondes Filho (1988) sugere uma renovação, uma adaptação às novas tecnologias e aos novos tempos, com o objetivo de buscar uma comunicação entre as novas tecnologias e uma forma de ministrar as aulas. Trazer o aluno treinado com a imagem, com a rapidez da mudança ao texto, a escrita. Uma opção que pode ser utilizada é a criação de dispositivos que instiguem os alunos a realizar pesquisas, estudos, como a criação de uma rádio, a gravação de um filme, de entrevistas, documentários, possibilitando assim uma interação direta com a TV e o conhecimento.

O que se percebe diante desse caos é que a partir do momento que os pais não delimitam horários para seus filhos assistirem à programação televisiva, os professores não podem e não devem competir com isso. Por esse motivo, se faz necessária a educação para os meios, com o objetivo de esclarecer o que significa a televisão, seus programas, suas filosofias, seu mercado. Aproximando a real TV dos educandos, deixaremos a critério deles como proceder, o que e quando assistir e por quanto tempo.

Todavia não é suficiente saber e reconhecer que a televisão e os meios de comunicação representam um papel de grande importância na vida dos jovens. É importante compreender como essas pessoas “experimentam a cultura dos meios de comunicação ou a maneira com que os meios de comunicação são experimentados de maneira diferente por diferentes indivíduos” (GIROUX, 1996 apud GOMES e COGO 2001, p. 39-40).

O trabalho pedagógico midiático inicia-se a partir da descoberta de como é utilizada a televisão pelos jovens, seus programas mais assistidos, e, partindo deste ponto, é que se pode interceder/trabalhar com a televisão de modo apropriado em sala de aula, ou seja, partindo do contexto do aluno é que irão ser propostos novos questionamentos sobre a programação assistida, modificando o olhar televisivo deste público.

Magaldi (2006) explicita que educar para televisão consiste em introduzir nas escolas uma metodologia de aprendizagem responsável pela leitura e análise de filmes, programas de TV, comerciais e obras videografadas. Os benefícios dessa leitura audiovisual são os mais amplos possíveis, possibilitam aos alunos e professores capacidades de compreensão e de distinção, apurando a percepção visual e auditiva, o que permite também a identificação e apreciação na constituição do texto/imagem/som. Toda essa prática deve ser devidamente apoiada e orientada por um professor capacitado.

No entanto, Baccega (2003, p.65) sustenta:

A escola parece não ter ainda percebido que o livro, o eixo sobre o qual ela se sustenta, não significa mais o único modo de transmissão de conhecimento, de informação, a única fonte de emoções. Hoje temos na sociedade modos de armazenamento, classificação, difusão e circulação muito mais versáteis, os quais podem ser usados de acordo com os desejos de cada um, de maneira quase particularizada.

Assim sendo, a televisão se faz necessária dentro de sala de aula, na formação em todos os níveis, tanto na educação básica quanto na formação de professores, mas a TV também deve ser objeto de estudo em pesquisas. “Televisão para ajudar a educar, sim, mas simultaneamente a uma educação para televisão” (MAGALDI, 2006, p. 113).

Esse trabalho de análise e/ou apreciação de um determinado artefato cultural, para a autora Rosa Maria Fischer (2006), nada mais é que um trabalho educativo atualizado, que se preocupa em incentivar o interesse e uma distinção, em uma época cheia de informações vindas de todas as partes e de diferentes formas.

A partir desse trabalho sistemático em relação aos materiais midiáticos, provavelmente surgirão temas interessantes e ricos a serem trabalhados, dependendo apenas da sensibilidade do professor para transformá-los em fontes ricas e em descobertas e pesquisas sobre diferentes temas.

A importância em se trabalhar com a TV, conforme aponta Fischer (2006), não se encontra apenas na crítica ideológica a programas e propagandas, mas na pesquisa educacional com imagens da TV, que deve produzir levantamentos, discriminações de tipos de programas e produtos, de audiência, entre outros.

Em outras palavras: espera-se que os professores empenhados em operar com as imagens da TV no cotidiano da escola se ocupem também em selecionar vídeos, filmes de animação, programas de

televisão, conforme determinados objetivos, relacionados ou à construção propriamente da linguagem audiovisual, ou ao debate em torno de certos temas de interesse educacional, ou ainda ao aprendizado da fruição de imagens, textos e sons – que se dará especialmente pela exibição de materiais selecionados com o devido cuidado. Nesse sentido, considero de extrema valia que se façam levantamentos também entre os alunos e alunas, sobre suas preferências e gostos em relação a esses produtos da mídia (FISCHER, 2006, p. 106).

Alguns profissionais podem ver a TV dentro de sala de aula como algo inviável, porém Babin e Kouloumdjiam (1989, p. 27) nos afirmam que:

Poluição por excesso de informações? Sim, é verdade, se julgarmos de um ponto de vista escolar. Mas por que não ver através de outro prisma? E se, em vez de considerarmos as mídias como um meio de conhecimento, nós as considerássemos como uma grande rua pela qual pudéssemos passear? Uma rua cheia de luzes, de movimento e de gente? Se víssemos a televisão como um grande bulevar onde gostássemos de passear para fazer parte daquela gente? Vistos pela ótica da nova cultura, a televisão e o rádio certamente representam um papel no “desdobramento dos conhecimentos”, mas essas mídias, antes de mais nada, não são um prazer, um meio, uma simples janela aberta por onde, no mais das vezes, olha-se sem ver?

A importância da ilustração de alguns conteúdos se faz necessária não como uma explicação em si, mas como uma auxiliar para o desenvolvimento do conhecimento e da compreensão.

Porém, segundo Siqueira (2004), para que toda essa mídia seja utilizada a favor da educação, é necessário um amplo projeto de alfabetização para mídia, para que se faça o uso adequado da televisão em sala de aula. É imprescindível que o professor estimule uma leitura crítica da televisão, ou o aluno continuará assistindo a ela como em sua casa, de maneira superficial e fragmentada.

Dentro de todo esse contexto, entre outros fatores, o trabalho sobre a televisão, seus mecanismos e sua ocorrência dentro da sociedade, dentro da cultura e até da escola, se fazem necessários. Baccega (2003, p.59) afirma que:

Percebe-se uma recusa aos estudos sobre televisão, com argumentos, segundo os quais, trata-se de algo menor (como menor, se a TV é o espaço público no Brasil?), que torna os telespectadores idiotas (então, idiotizam-se milhões e milhões de brasileiros diariamente, o que torna seu estudo ainda mais premente), que as telenovelas, sempre melodramáticas, são o reino da mesmice (e as temáticas sociais que elas veiculam e põem a discutir todo o país?), que o telejornalismo não vale a pena porque é só espetáculo (o que não

deixa de ser meia verdade, apenas, além disso, é preciso perceber que o telejornalismo foi tornado, em nossa realidade, verdadeira peça de ficção. Assiste-se ao telejornal com torcidas parecidas às dos filmes de mocinho e bandido).

Ao desprestigiar a televisão, automaticamente deixamos-la de lado e, conseqüentemente, não a discutimos. O silêncio no que diz respeito à TV não permite que nossas crianças se ajustem com a mesma, tendo em vista que, segundo pesquisas recentes, nossas crianças passam em média 3 horas diárias em frente a esse aparelho, ao nos calarmos a televisão toma conta sem nenhuma negociação. Baccega (2003) afirma a importância da escola na construção dessa discussão sobre a televisão com professores e alunos.

Além disso, Moran (1999 apud SIQUEIRA, 2004) nos aponta outras duas dificuldades enfrentadas pelo professor ao optar pelo trabalho com mídia: saber selecionar as informações, os vídeos, os canais mais importantes, diante da imensidão de opções, e promover, assim, a compreensão necessária para tal material. Essa tarefa se torna muito complicada, pois a televisão é assistida em casa desde os primeiros anos de vida dessa geração de alunos, trazendo assim contradições na linguagem da escola.

Porém, o que fica evidente é que a escola ainda não está capacitada física e psicologicamente para trabalhar com o adolescente nascido, criado e alfabetizado pela TV, pelo rádio, pela internet. Isso se evidencia a partir de trabalhos pedagógicos efetuados em escolas públicas e privadas, evidenciando que a escola não está preparada para as crianças telespectadoras (FISCHER, 2006).

Assim, a televisão surge como alternativa aos “arruinados” modelos de ensino, segundo Siqueira (2004), modelos esses que priorizam apenas a palavra escrita. Um exemplo dessa discrepância de motivação é o professor utilizando a lousa para explicar como funciona o sistema imunológico humano, ou um professor amparado por um vídeo com imagens reais do corpo humano, com entrevistas a pesquisadores, animações de computação gráfica, efeitos sonoros para explicar o mesmo conteúdo. Neste segundo caso, a televisão ganha em fascinação e potencial informativo.

O que se percebe é que nos dois tipos de aula sobre o sistema imunológico, a figura do professor se faz presente, ou seja, utensílios e animações para uma aula mais dinâmica são interessantes, mas sempre com o auxílio de um mestre. O professor não deixa de ser importante em uma aula, mesmo que se faça o uso de um vídeo, ao

contrário, ele se faz necessário na pesquisa para a escolha de tal acessório e na sua explicação adequada no contexto escolar.

Magaldi (2006) descreve ainda que a presença de uma aparelhagem, como a televisão, videocassete, antenas parabólicas e computadores nas escolas públicas, em sua maioria, não significa que estejam sendo utilizados, visto que grande parte dos professores estão ainda atrelados a suas rotinas de conteúdo e temáticas, além do despreparo na utilização desses meios, e alguns destes profissionais não conseguem fazer uma ligação entre o trabalho pedagógico e os meios de comunicação. Em certos casos, os registros são de que os aparelhos permanecem intactos, sem nenhum uso.

A falta de informação e de cursos especializados para o trabalho com mídias dificulta e enrijece os professores que mesmo com toda aparelhagem disponível nas escolas desconhecem ou não sabem como utilizar e como incluí-los como parte do conteúdo a ser ministrado.

Almeida (2005, p.35) propõe que:

A televisão pode vir a se transformar no centro do ambiente familiar, ou ser utilizada com objetivos específicos, como complementar o divertimento, informar, socializar ou até mesmo, na educação.

O desenvolvimento dessas mídias como um acessório benéfico à população se faz necessário, porém a escola se torna uma peça chave no desvendar crítico dos programas, fazendo com que seus alunos questionem, critiquem e cobrem uma televisão de qualidade. Baccega (2003, p. 64) pontua duas observações necessárias e indispensáveis: a primeira diz respeito à importância da família na orientação de seus filhos para a programação adequada, delimitar horários e programas. A segunda observação se pontua no fato de que a televisão não determina o comportamento das crianças a partir de suas próprias escolhas. A autora afirma que “existem muitas outras mediações interferindo na leitura/interpretação que a criança faz de cada programa, além da família, das instituições religiosas, do grupo de amigos, da escola etc”.

O desvendar crítico deve ser realizado em todos os programas, sejam eles televisivos ou não, como forma de consciência para uma recepção proveitosa e de qualidade. No programa Supernanny, nosso alvo de estudo, os telespectadores, eles devem ter também um papel diante daquilo que acompanham, observando e qualificando os dados de acordo com cada realidade.

2 - Programas Educativos

Os Programas Educativos surgem na televisão brasileira no começo da década de 1960, através da TV Cultura de São Paulo, que produziu e veiculou o primeiro Telecurso com o objetivo de preparar os candidatos ao exame de admissão ao ginásio. Em 1962, de acordo com Mattos (1990), a TV Continental do Rio concomitantemente com a TV Tupi de São Paulo produziram o Curso de Aulas Básicas de Madureza. Entretanto, esses primeiros programas televisivos utilizaram o formato clássico de sala de aula e não tiveram boa aceitação dos telespectadores.

A programação infantil inicia sua trajetória televisiva uma década anterior, em 1950, com a TV Record e também com a TV Tupi. Os primeiros programas infantis de televisão foram: o Clube do Papai Noel, transmitido pela TV Tupi de São Paulo e ainda o Cirquinho de Arrelia pela TV Record, neste mesmo ano. Além do que, segundo Wolf (1998 apud ALMEIDA, 2005), foram veiculados programas que compilavam desenhos animados americanos, documentários, musicais e séries, na formação da programação infantil.

São identificados como programas educativos televisivos aqueles que se configuram de acordo com dois pontos fundamentais

- a razão impondo a emoção;

- elaborado com finalidades pedagógicas, mas não com objetivo de ser utilizado apenas em sala de aula.

Assim sendo, o telespectador deve pensar e refletir, ao invés de se emocionar como nos programas de entretenimento. Carneiro (1999 apud SIQUEIRA, 2004) caracteriza-os como a negação da televisão comercial, tanto na linguagem quanto no conteúdo, conceituados como:

(...) aqueles caracterizados pela adoção de formas racionais e analíticas eficazes do ponto de vista didático, em detrimento da perspectiva de utilizar recursos dramáticos popularizados pelo cinema e pela televisão comercial (CARNEIRO, 1999 apud SIQUEIRA, 2004 p. 104).

A autora ainda afirma que o projeto político pedagógico da TV Escola se fundamenta em quatro pilares fundamentais, de acordo com as diretrizes da Secretaria de Educação a Distância (Seed).

Primeiramente, toda tecnologia deve ser utilizada “a serviço da educação”, isso quer dizer que, além de comprar equipamentos, fazem-se necessárias a capacitação de professores e a produção de material de apoio, entre outras atividades importantes para o desenvolvimento da educação.

O segundo pilar se fundamenta na autonomia dos usuários, ou seja, cada escola poderá escolher o que passar para seus alunos. O projeto – terceiro pilar - também valoriza a convergência entre as diversas tecnologias existentes, tendo como objetivo a facilitação da interdisciplinaridade e a contextualização dos conteúdos escolares.

Como quarto aspecto, a emissora se preocupa com a formação de um espectador criativo e crítico, capaz de transformar a informação da TV em conhecimento, evitando assim a manipulação da mídia.

Outro destaque, segundo Siqueira (2004), fica por conta dos vídeos da programação da TV Escola, que enfocam áreas específicas de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (Matemática, História, Geografia, Português, Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural, Educação Artística, Ética, Educação Física, Ciências, e Orientação Sexual).

A programação da TV Escola é destinada a diferentes públicos, desde estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio, a professores, coordenadores, diretores, família, enfim a toda a comunidade que tenha interesse em assistir, queira promover equidade, autonomia, educação e a diversidade cultural dentro da escola e fora dela.

Contudo os objetivos da TV Escola estão distantes de se tornarem realidade. Siqueira (2004) relata que a falta de recursos para o investimento em tecnologias, de repertório técnico e pedagógico dos professores da rede pública, aos poucos a TV pode deixar de ser uma TV para as escolas.

A opção das redes nacionais de televisão atualmente tem sido a de aplicar pouco esforço na produção para o público infantil, utilizando assim fórmulas simples e dedicando um espaço restrito para a divulgação de programas infantis educativos.

Os programas para esse público são compostos em grande maioria por um conjunto de desenhos importados, introduzidos geralmente em programas de auditório, comandados por um ou mais apresentadores. Além dos programas educativos e os programas infantis, surgem também outros programas televisivos que misturam fantasia e entretenimento com conteúdos escolares, e são caracterizados por Carneiro (1999 apud SIQUEIRA, 2004) como programas de aprendizagem acidental, ou seja,

promovem a aprendizagem a partir de um novo referencial educativo, pois apostaram na “ficção didática”, para ensinar e divertir.

Estes programas são construídos através de formatos audiovisuais específicos que incluem ficção seriada e uso de estruturas dos contos de fadas, linguagem dramático-simbólica, mecanismos de suspensão e reatamento (utilizados para dar continuidade a um episódio interrompido pela publicidade) e trilha sonora para cada personagem. Além de todos esses recursos utilizados pela televisão, os autores despertam sempre a curiosidade dos telespectadores ao final de cada bloco do programa, convidando-os assim a continuar vendo sua programação (CARNEIRO, 1999 apud SIQUEIRA, 2004)

Estes modelos começaram a aparecer nos anos de 1970, com “Vila Sésamo” e “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, programas de sucesso entre as crianças e os educadores. Atualmente, os mais assistidos são Rá-Tim-Bum, Mundo da Lua, Castelo Rá-tim-Bum, Ilha Rá-tim-Bum, Cocoricó, X-tudo, Todo dia com a química, Qual é bicho? Sua língua, todos exibidos pela TV Cultura, além de Globo Rural, Globo Repórter, Globo Ecologia, televisionados pela Rede Globo de Televisão, entre outros.

Almeida (2005) assegura que a realização de programas com essas propostas educacionais transforma o processo em algo complexo e demanda a união de inúmeros fatores, não muito priorizados pela mídia televisiva brasileira. Essa programação deveria ser composta por uma equipe multidisciplinar, formada por profissionais qualificados para tratar de educação infantil, com bom patrocínio para investimentos na produção, sem a dependência de retorno financeiro, e que não sejam exigidos relevantes índices de audiência.

A autora afirma ainda que um padrão foi produzido quando o telespectador fez a relação: televisão-entretenimento. Conseqüentemente, programas educativos apresentam baixa audiência, como o “Telecurso 2000”, a “Hora do Brasil”, “Horário Político Eleitoral”, entre outros. Essa talvez seja a justificativa mais verdadeira para os programas televisivos educativos apresentarem tão baixa audiência em canais abertos no Brasil. Por esse motivo, há baixos investimentos nesse tipo de programação, incorporando cada dia mais a importação de seriados e desenhos infantis americanos e japoneses.

Apesar dos poucos programas educativos existentes atualmente, Magaldi (2006) sugere uma lista de canais da TV por assinatura, de qualidade cultural e educativa, e cita como exemplos: Discovery Kyds, GNT, National Geographic, Eurochanel, Globo News, canal Futura, Rede Sesc/Senac de televisão, TV Cultura e arte.

Existem ainda alguns outros programas educativos, como o *Telecurso 2000* (Fundação Roberto Marinho/Fiesp), *Vistas e Mapas* (Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro), *O mundo de Beakman* (Colombia Pictures TV & Universal Belo Productions, fragmento), *Globo Rural* (Rede Globo), *Oficinas Culturais na TV* (TV Cultura & CDN), *Globo Ciência* (Rede Globo), *Globo Ecologia* (Rede Globo), entre outros, veiculados em televisão aberta.

Dadas todas as informações, nos compete neste trabalho estudar o programa televisivo *Supernanny* e verificar suas relações com a Pedagogia de Freinet.

CAPÍTULO II

1 - O Programa Supernanny e a Pedagogia Freinet : uma relação possível?

Neste capítulo, procuramos apresentar as características do programa em foco e suas relações com a Pedagogia Freinet.

Para analisar e apresentar o programa Supernanny, utilizamos parte de um roteiro proposto por Rosa Maria Bueno Fischer, em seu livro intitulado “Televisão & Educação”, publicado em 2006. O roteiro elaborado pode ser utilizado de diferentes maneiras, com possibilidade de ser adaptado de acordo com o tipo de mídia analisado.

A autora emprega esse mesmo roteiro como referência para outros trabalhos com formação de professores do ensino fundamental e médio, desenvolvendo trabalhos com os próprios professores e auxiliando para que eles trabalhem com seus alunos por meio de diferentes roteiros, e também com alunas do curso de Pedagogia. O objetivo da implantação desse roteiro dentro de sala de aula é analisar as diferentes mídias e os mais variados programas, além de ser a oportunidade do estudo de vários aspectos da televisão, ampliando a compreensão entre os saberes e as práticas realizadas nas imagens veiculadas pela televisão (FISCHER, 2006).

O referido programa teve sua estreia brasileira no dia 1º de abril de 2006, recebeu o nome de Supernanny, baseado em programas com o mesmo formato dos países como Inglaterra e Estados Unidos, onde o sucesso é uma constante, tal como no Brasil.

A edição nacional do programa, segundo o site oficial, é apreciada em outros países para os quais a Channel 4 - detentora do formato - vendeu os direitos. Atualmente, a montagem do programa brasileiro, que está em sua quinta temporada, é referência para mais de vinte países.

Supernanny caracteriza-se como um reality show, definido por Gullo (2004 apud MILLAN, 2006, p. 9) como:

A versão moderna dos grandes circos romanos. Exploram a necessidade do ser humano de ver e participar dos problemas alheios, movido por sua incessante curiosidade, muitas vezes mórbida.

Essa programação caracteriza-se por representar a vida cotidiana, supostamente “in natura”. Os personagens são, em sua maioria, pessoas comuns e anônimas, que, por algum motivo, decidiram expor sua vida em rede. Outros programas desta natureza, ou

seja, reality shows são: No Limite, Big Brother, O Aprendiz, Ídolos, Casa dos Artistas, Troca de Famílias, Super Cheff, Casos de Família, entre outros.

Além de um reality show, o programa também é classificado como um artefato cultural de informação e entretenimento, que apresenta fatos e “personagens” reais, seriado, pois segue uma temporalidade, com exibição semanal.

A versão nacional é exibida pela TV aberta, no canal SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), sempre aos sábados (com exceção das férias escolares, em que há reprise de outras temporadas aos domingos), com início às 20 horas e 15 minutos e término às 21 horas e 15 minutos.

Apresentado pela pedagoga Cris Poli – uma Argentina que vive no Brasil há mais de 30 anos e se dedica à educação infantil desde 1960 - e protagonizado por famílias em total “desespero” com relação à educação de seus filhos, o programa se pauta por uma melhor educação e um bom comportamento infantil no âmbito familiar e escolar.

O programa tem como público alvo uma infinidade de categorias, em especial pais e filhos das mais diversas profissões e classes sociais, pois o trabalho realizado com os pais que participam e os pais que assistem se dá pela conscientização, através da qual a boa educação é fruto de limitações, rotina, disciplina, sensibilidade, paciência, integração, autoridade, amor em relação à criança/filho, além de mostrar a pais e responsáveis a importância que cada um tem sobre a educação de seus respectivos filhos.

O programa aborda também o papel do filho nessa relação, apresentando uma nova forma de se conviver em família, evidenciando novas atitudes, novos comportamentos, novas regras e rotinas e conscientizando-os da importância do seu cumprimento para o bom andamento do ambiente familiar e da vida.

O programa tem como objetivo “orientar” os adultos - pais, mães e responsáveis e as crianças - sobre a forma de se relacionarem em família, facilitando a convivência em grupo. Apresenta aspectos relacionados à educação das crianças no seio familiar para a lide cotidiana dos afazeres domésticos relacionados à vida infantil e familiar.

Cada episódio tem duração de aproximadamente uma hora, com blocos distribuídos entre 10 e 15 minutos - incluindo a publicidade. A publicidade apresentada nos intervalos do programa perpassa anúncios de provedores de internet, produtos de uso doméstico, como amaciante de roupas, chamados de conscientização ambiental, até dizeres do Serviço Militar brasileiro, o que justifica o direcionamento a todo e qualquer público.

Os temas apresentados no programa centralizam-se na questão da educação e na disciplina, em uma linguagem informal e bastante clara, justificada pelo amplo e diferente público a quem se dirige o programa.

A temporada escolhida para realização da análise desse trabalho foi a primeira, que teve início em abril de 2006, pelos seguintes motivos: por ser a única que se encontrava comercialmente disponível e por apresentar um número suficiente de episódios para a análise em questão. Trata-se de 13 episódios, concentrados em três (3) DVDs com 610 minutos de duração no total.

Conforme o site do programa, o reality “ajudou” cerca de 50 famílias e encontra-se em sua 5ª temporada, e totaliza mais de 30 mil famílias cadastradas para a visita da “supereducadora”.

Cada programa começa com pais aflitos endereçando cartas ou mensagens on-line para o programa, pedindo sua participação nele. São estas cartas ou mensagens que, por sua vez, são analisadas e investigadas no processo de seleção das famílias então escolhidas.

Na primeira parte, a cena mostra a educadora no banco do passageiro de um carro em direção à próxima casa escolhida, enquanto assiste em um DVD portátil a cenas gravadas da convivência da família, alvo de suas intervenções, apresentando assim seus futuros “pacientes”.

Na sequência, os pais em “desespero” se apresentam indicando nome, profissão, como se conheceram, o tempo de casamento, o número de filhos, fatos que situam um pouco da história da família. Num segundo momento, caracterizam-se os filhos, detalhando a personalidade de cada um, seus principais problemas e qualidades. Essa narrativa acontece enquanto cenas de todo o assunto são apresentadas ao telespectador, com imagens do cotidiano, que mostram o “caos” vivido pela família.

Em seguida, os pais caracterizam seus modos de educar, criticando ou elogiando, o que pode evidenciar um conflito entre o casal, quando surgem algumas discussões. Nessa parte do programa, os pais discorrem sobre o que seria ideal para resolver a atual situação e também sobre o que e como se sentem a respeito do programa, bem como esclarecem qual o motivo pelo qual precisam do auxílio, efetivando em seguida o pedido oficial.

A apresentadora aceita o “convite” e chega à casa escolhida, apresenta-se a todos os membros da família, iniciando-se então a observação.

A observação acontece nos primeiros dias da pedagoga na casa, e a família deve seguir sua vida normalmente - compras no supermercado, passeios em shoppings entre outros - enquanto Cris Poli observa cada passo.

A observação continua e Nany vai mostrando as principais características da família, caracterizando-os conforme o que está acontecendo, enquanto os pais dão depoimentos sobre como se sentem ao serem observados e justificam alguns problemas da casa para as câmeras.

Após toda a observação da rotina da casa e dos modos empregados no convívio, Cris Poli convida os responsáveis para uma conversa - momento nomeado pelo programa de Confronto.

A Pedagoga faz o diagnóstico do que está acontecendo e sugere algumas soluções para o caso, incluindo mudanças de horários, de rotinas, de modos de ser e estar e até mudança de quartos. Concomitantemente os pais vão avaliando as sugestões e, em seguida, declaram se são favoráveis ou não ao parecer da educadora.

Cris Poli apresenta uma nova rotina - confeccionada em uma cartolina, onde se localizam os horários - que é afixada na parte central da casa, geralmente na parede da cozinha, e a educadora explica a todos da casa as novas mudanças e justifica-se:

Os filhos precisam de horários, eles precisam saber o que vai acontecer de manhã, meio dia, à tarde e à noite. Por que isso dá segurança pros filhos de vocês. (Episódio I)

A rotina é constituída de períodos que devem ser seguidos, esses horários foram elaborados a partir da observação realizada no primeiro momento. A pedagoga orienta também sobre a importância da participação de todos – tanto do pai quanto da mãe – no cumprimento da nova rotina.

Em alguns episódios, a rotina é montada com a ajuda da família, porém a maior parte das rotinas é elaborada pela educadora com base nas observações realizadas. Nessa rotina, constam horários de acordar, do café da manhã, do almoço, do jantar, de tomar banho, entre outros. O objetivo principal é conservar nos participantes a harmonia, proporcionando à família um convívio mais intenso e de melhor qualidade.

Após a apresentação da nova rotina, os pais e a Nany comentam separadamente o que acham sobre o que foi proposto.

O próximo passo é apresentar às crianças as novas regras da casa. Em casos de não alfabetizados, as regras são por meio de desenhos, para as crianças maiores, elas

são escritas em letras grandes fixadas na parede para que as mesmas possam sempre ser observadas.

As regras são explicadas detalhadamente para criança, fechando então um contrato entre os pais e os filhos, em que o diálogo é a principal ferramenta. Cada criança tem sua própria regra em seu espaço, regras como: não pode morder, não pode gritar, guardar os brinquedos depois de usá-los, organizar o quarto, entre outras.

Após as regras serem expostas, a educadora continua auxiliando para que o combinado seja realizado de forma adequada e os resultados apareçam.

Terminada a adaptação da nova rotina das regras, do novo andamento da casa, a educadora se ausenta por uma semana, entretanto suas câmeras continuam na casa monitorando o comportamento dos integrantes da família, observando se rotina, e os métodos continuam sendo utilizados da maneira correta.

A apresentadora observa seus participantes dentro de um cenário e comenta seus principais erros, então, retorna para os últimos reparos. Nesta última visita, a educadora leva um DVD com a filmagem feita durante o período em que esteve fora da casa e convida os pais a assistir a ele, para verificar o que aconteceu durante este período, sugerindo alguns aspectos a serem corrigidos em relação àquilo que ainda não funcionou.

A finalização do programa se destina a corrigir aquilo que não está sendo executado corretamente, a pedagoga reafirmando cada “método” (termo usado pela apresentadora) novamente, explicando-os e em alguns episódios ela os vivencia com os pais. Por fim, os membros da família falam sobre a visita da Supernanny, de toda ajuda fornecida para o novo andamento e funcionamento da vida familiar.

Assim como em outros programas dos diferentes países, o objetivo da apresentadora Cris Polly é desenvolver um método para reeducar crianças indisciplinadas, sem castigos, mas com regras pré-estabelecidas.

Esses são os passos de seu “método”:

- Método da disciplina: são regras pré-estabelecidas com as crianças, regras essas impostas pela pedagoga depois da observação da casa. A educadora analisa os pontos fracos da família e dos filhos e orienta os pais sobre o que está faltando na educação de seus filhos. “Um método de ensino e não um castigo, porque o castigo é punição, o castigo machuca” (POLI, 2006).

No caso de infração dessas regras, o sugerido pela pedagoga é o “Tapetinho da disciplina” que consiste em uma advertência após a violação e das regras e, no caso de reincidência, a mãe e/ou o pai devem colocar a criança em contato visual, abaixar-se e ficar na mesma altura do infante para poder explicar o porquê do tapete – o tapete pode ser um canto, um sofá, uma cadeira e não necessariamente um tapete em si. A criança fica sentada refletindo sobre o que acontece, e o tempo de permanência é medido conforme a idade da criança, um minuto para cada ano de vida.

Depois do tempo no tapetinho da disciplina, pai, mãe e filho conversam sobre o acontecido, a fim de que a criança visualize a ação indevida que cometeu, para, posteriormente, pedir desculpas. Para crianças mais velhas, utiliza-se também a Área de reflexão, trata-se da mesma técnica, só se diferenciando pelo nome.

- Controle de Guloseimas: trata-se de não deixar as guloseimas, como balas, bolachas, salgadinhos à vontade, uma regra que controla a alimentação das crianças para que elas não comam antes do período certo. E sempre que as crianças quiserem algumas guloseimas, elas devem ser pedidas aos responsáveis para que se tenha uma alimentação mais adequada, sem que uma comida fora do hora prejudique a refeição seguinte. Cabe aos pais saber como e a que momento essa alimentação deve ser dada à criança.
- Método do Envolvimento: um mesmo brinquedo para duas ou mais crianças, com o objetivo de desenvolver a cooperação. Esse método ajuda a criança a ser companheira, mais amiga e principalmente a dividir as coisas.
- Método do desmame: esclarece aos pais que já é hora de parar de amamentar, mostrando aos responsáveis qual é o tempo necessário para amamentação.
- Incentivando a comer: a pedagoga sugere aos pais que façam da refeição de seus filhos uma “atividade” mais agradável, algo mais gostoso, auxiliando assim as crianças que possuem dificuldades para comer. Além da companhia dos responsáveis na hora da refeição, a educadora sugere pratinhos coloridos, talheres diferentes e a tentativa de cozinhar alguns pratos prediletos das crianças, tornando assim a hora da refeição algo prazeroso. Segundo a pedagoga

Quando uma família tá junta, almoça junto, janta junto, compartilha momentos de entretenimento, momentos de refeições juntos, as

crianças são mais seguras, elas crescem mais seguras, vão melhor na escola, o rendimento é melhor por causa da segurança da família (CRIS POLI, 2006, DVD).

- Método Desabafo: um gravador, ou uma câmera, ou até uma caixa com papéis é dada à criança para que ela fale o que está positivo ou negativo. Este aparato serve para que a criança desabafe sobre o que a angustia ou a alegra. A gravação do desabafo é transmitida aos pais para que eles escutem e, junto com o filho, conversem sobre aquele sentimento. Isso evita que sentimentos sejam guardados, impedindo amarguras, angústias, raiva e ciúmes futuros.
- Caixa do Confisco: A criança escolhe os brinquedos de que ela mais gosta e os coloca em uma grande caixa, com isso a criança tem que merecer cada brinquedo que ali está, e a cada ação merecedora de um brinquedo o pai ou a mãe retiram um brinquedo da caixa. Isso ajuda também os pais a não comprar mais brinquedos para os filhos, tendo em vista que eles já têm o suficiente. O cumprimento de todas as regras durante a semana garante uma retirada de brinquedos da caixa. Com as regras não cumpridas, um presente volta pra caixa.
- Método da Organização: arrumação da casa de um modo geral para que todos da família tenham o controle de tudo, trazendo até uma organização mental, pois os pais organizados incentivam indiretamente seus filhos a serem também organizados.
- Método dos pontos fortes: tem como objetivo aproximar o casal e fazer com que um olhe para o outro e avalie aquela pessoa que está ao seu lado, percebendo as qualidades do outro. Trata-se de uma dinâmica em que cada um terá que escrever em uma folha cinco qualidades do outro, depois trocam-se os papéis e cada um lê o que o outro escreveu em voz alta, e conversam sobre. O objetivo principal dessa dinâmica é estabelecer o diálogo entre o casal.
- Método do Incentivo: trata-se de um quadro exposto, com algumas fases para serem passadas, cada regra obedecida dá direito a um ponto numa tabela a ser completada, ganhando um prêmio no final. Como exemplo realizado no Episódio I, o método de Incentivo de Maria Eduarda foi um quadro de uma menina desnuda em que as fases a serem cumpridas eram vestir essa boneca. Cada regra cumprida dava a Maria Eduarda a chance de colocar uma peça de roupa na boneca, e a cada regra

descumprida uma peça de roupa era retirada da boneca. Diariamente é feita uma avaliação entre a mãe e a filha para decidirem se se coloca ou se tira a roupa da boneca. Ao final, quando essa boneca estivesse completamente vestida com todas roupas e adereços, Maria Eduarda ganharia uma premiação.

- Brincadeiras Dirigidas: brinquedos educativos que orientam e têm como objetivo ocupar a criança de uma forma mais direcionada e educativa.
- Método do Troninho: criação de um ambiente atraente contendo um penico ou um troninho, que direciona a criança a fazer as necessidades no banheiro e não mais na fralda.
- Jogo da Verdade: um jogo de perguntas e respostas que têm como objetivo o treino do “falar a verdade” dentro da família.
- Método Cara a Cara: destinados aos pais em conflito que são posicionados um em frente ao outro para falar sobre aquilo que os aflige, em um tempo estipulado. O momento serve para o casal resolver suas divergências e dar sentido à palavra e ao perdão.
- Método da Distração: momentos de relaxamento e brincadeiras entre pais e filhos, brincadeiras, por exemplo, com fantoches, entre outros. Este auxílio é destinado em alguns episódios a crianças que estão em desmame.
- Método do Vai e Volta: trata-se de uma dinâmica que explica, com a ajuda de uma bola, que, quando lançada, desloca-se para outro lugar, mas depois ela retorna. Metáfora utilizada para demonstrar à criança que o mesmo acontece com os pais quando vão trabalhar. O objetivo é desmontar para as crianças que os pais vão ao trabalho, assim como a bola vai e volta.
- Área Supervisionada: serve para delimitar o espaço a que as crianças só devem ir ou utilizar com a supervisão de um adulto. Essa marcação é feita por meio da letra “S” em tamanho grande confeccionada em uma cartolina vermelha.
- Método da Aproximação: realizado com grupo de irmãos que não possuem uma relação tão afetuosa. Os pais se comprometem a realizar atividades que façam com que todos participem em cooperação, diminuindo assim o ciúme entre eles.
- Método da Organização: auxilia a família a organizar as coisas dentro de casa, incentivando as crianças a manter o local limpo e harmonioso.

- Método de Inntegração- Troca de Papéis: os pais trocam de papéis com os filhos, inclusive nas vestimentas. A família realiza um teatro sobre o que acontece normalmente no dia-a-dia da família, cada um se coloca no lugar do outro e percebe o que acontece na realidade e como cada um se sente. As atitudes das crianças evidenciam as marcas deixadas pelos pais.
- Hora da Estória: a mãe o pai contam estórias para auxiliar as crianças a dormir, além do momento de integração entre pais e filhos, este dispositivo permite que as crianças tenham uma noite mais calma e tranquila.
- Método de Divisão de Tarefas: as tarefas domésticas são divididas por todos os membros da família, para não sobrecarregar apenas um integrante, na maioria dos casos, a mãe.
- Método para Dormir: auxilia aquelas crianças que estão acostumadas a dormir com os pais. Esse método se inicia com os pais tornando o quarto da criança mais agradável. Depois, o pai ou mãe, no horário da criança dormir, levam-na ao quarto e ficam sentados ao lado da cama da criança sem falar nada, até que ela pegue no sono, e a cada dia eles vão se distanciando até que não precisem mais ficar ali para que a criança durma.
- Método para descarregar a agressividade: sacos de areia, bonecos de João Bobo, destinados a crianças agressivas, com o objetivo que o filho descarregue sua vontade de bater no boneco ou no saco de areia.

2 - A Caracterização da Pedagogia Freinet

Celestin Freinet nasceu ao sul da França nos Alpes Marítimos, em um vilarejo chamado Gars, no dia 15 de outubro de 1896. Estudou até o início da 1ª Guerra Mundial (1914) na Escola Normal de Nice. Sua vida profissional começou em 1920 numa aldeia nomeada Bar-sur-loup, lecionando em uma escola exclusiva para rapazes. Segundo Freinet:

(...) Terminada a Primeira Guerra Mundial em 1920, eu era apenas < um ferido glorioso >, com lesão nos pulmões, uma pessoa enfraquecida, ofegante, incapaz de falar na aula mais do que uns escassos minutos. Apesar das dificuldades respiratórias, teria podido talvez, com outra pedagogia, exercer normalmente as funções que amava (FREINET, 1975, p.19).

Como consequência da guerra, o mestre francês teve sequelas físicas e respiratórias deixadas pela batalha. Encontrava-se, por um lado, inexperiente demais para a docência e debilitado física e psicologicamente para lidar com crianças vindas do pós-guerra (FREINET, 1977). Procurou então a união entre metodologia e ambiente de ensino, procurando satisfazer assim a ambos os lados, voltado sempre para sua paixão de ensinar.

Mas voltemos aos começos da minha vida docente: eu precisava, por conseguinte, de procurar fora da escolástica a que se adaptava menos mal à grande maioria dos meus colegas, uma solução nova, uma técnica de trabalho que estivesse ao alcance das minhas reduzidas possibilidades (FREINET, 1975, p.21).

Assim sendo, Freinet inicia sua carreira por meio do empirismo, tendo como prática o tateamento do acaso, através do qual suas aulas passaram a ser ministradas por meio de tentativas apoiadas por alguns aparelhos “tecnológicos” da época, transformando a exposição dos conteúdos em algo mais prazeroso e interessante. O tateamento experimental nada mais é que a aprendizagem realizada e exercida por meio da prática, ou seja, a criança aprende os conteúdos escolares e cotidianos, não apenas a partir de observações e resolução de exercícios, mas também pelo ato de sentir, viver a experiência como algo natural e universal.

É por meio das tentativas, dos tateios, que a criança pode criar suas regras, suas possibilidades e seu próprio tempo de aprender.

A partir de 1920, começa sua luta pela transformação da escola tradicional, escola essa considerada dogmática, autoritária e totalmente desligada da família. Na época, o jovem educador procurava alternativas educacionais que priorizassem “o trabalho como meio e a busca do conhecimento integral e interdisciplinar como fim” (ELIAS, 1996, p. 52), para realizar a mudança tão necessária dentro do movimento educacional da época.

Freinet buscou analisar o conteúdo das obras de alguns filósofos e psicólogos e percebeu que esses mestres não esclareciam suas dúvidas e não desmistificavam seu caminho, conseguiam apenas embaralhar suas ideias. Constatou, assim, que, entre os teóricos da Escola Nova: “(...) uma teoria perfeita na aparência sobre o plano das ideias, está na realidade mutilada na prática, deixada ao acaso da improvisação, ao passo que é na prática que se pode encontrar solução para os problemas da vida quotidiana” (FREINET, 1977, p. 79).

Diante da concepção de Freinet sobre o colapso da educação da escola tradicional, com utensílios e técnicas defasadas, repleto de fórmulas e “decurebas” que não acrescentavam nada a nenhum de seus alunos, Freinet procurou a alteração dessa instrução. Teve início a então Pedagogia Freinetiana, com o objetivo de mudar desde a concepção de educação até transformar os alunos em seres autônomos, donos de seu próprio saber. O educador francês afirma ainda que “O meu problema apresentava-se da seguinte forma: encontrar uma maneira de trabalhar melhor sem me isolar dos meus colegas” (FREINET, 1975, p. 20).

Freinet programou mudanças na modernização da Escola Cooperativa do Ensino Laico (CEL), da Federação Internacional do Movimento da Escola Moderna (Fimem) e do Instituto Cooperativo da Escola Moderna (Icem). A partir dessa transformação ocorrida dentro da base escola, Celestin Freinet pode ser considerado o primeiro educador a fixar as bases para o desenvolvimento de uma psicologia da ação, pois alterou uma situação social que não aprovava, para obter um conhecimento dialético e mais humano do pensamento infantil e de suas possibilidades. Suas respostas vão ao encontro de uma escola como um centro de atividades (ELIAS, 1996).

Paiva (1996) explica que Freinet apostava em uma instituição na qual os alunos conseguissem desenvolver habilidades de análise crítica, de julgamento pessoal, de expressão livre de seus próprios pensamentos e opiniões, do exercício da cooperação, da responsabilidade, da criatividade e da afetividade.

O educador teve a tarefa de dirigir o trabalho coletivo dentro de sala de aula, sugerindo, vigiando, palpitando, coordenando e até reprovando algumas situações. Como resultado, pôde perceber que “A educação adquire a calma e a intimidade que lhe são de todo indispensáveis” (FREINET, 1977, p. 57).

Sua pedagogia foi marcada pela busca do desenvolvimento do ensino e por uma aprendizagem realizada por meio do incentivo à descoberta, à pesquisa, à curiosidade, despertando no aluno a vontade de conhecer e saber. Desta forma, segundo Elias (1996), Freinet organizou em 1927 a primeira cooperativa para divulgar experiências de sala de aula, nomeada como CEL (Cooperativa de Ensino Leigo), que teve como objetivo fabricar e difundir novas técnicas e dispositivos pedagógicos. Rompendo com o individualismo e egoísmo educacional, criou assim boletins, revistas, jornais que fizeram com que as pessoas divulgassem e compartilhassem suas e novas experiências dentro de sala de aula. Surgia assim:

(...) um movimento pedagógico fortalecido e integrado, muito espontâneo, do qual muitos educadores hoje participam, contribuindo, de alguma forma, para a produção de um conhecimento gerado a partir da experiência (ELIAS, 1996, p. 55).

O mestre francês realizava todos os dias, por meio de sua pedagogia, experiências de pesquisa desinteressada, respondendo às exigências do espírito e se libertando da escravidão da escolástica. Essa proposta nova e eficiente acarreta demolições no conformismo escolar, um novo método baseado na preocupação da exploração do pensamento para fins educativos, de suscitar a curiosidade presente em todos, fazer com que os alunos tragam seus pensamentos mais íntimos para a sala de aula para exprimir, classificar e desabrochar (FREINET, 1977).

Cavalcanti (2006) nos afirma que Freinet fundou e arquitetou suas bases pedagógicas e teóricas, estabelecendo diálogos entre as diferentes correntes políticas e sociais como a escola libertária alemã, o escolanovismo europeu e norte-americano e a escola socialista russa, criando dispositivos e técnicas utilizados até hoje por professores e alunos do mundo inteiro.

O autor ainda nos descreve que a Pedagogia Freinet se baseia na ruptura com o ensino hegemônico, tendo em vista que o modelo escolástico se baseava na transmissão/recepção de conteúdos, o que não se diferencia muito da educação atual. Freinet condenava esse autoritarismo em sala de aula, propondo em seu lugar uma educação democrática, participativa, comunitária e principalmente integrada ao meio, tanto social quanto natural, além de proporcionar a seus alunos e professores uma formação de consciência crítica para toda a vida.

Para Freinet, a educação consistia na organização dos recursos já adquiridos pelos indivíduos ao longo de suas vidas. Sendo assim, afirmava Freinet:

Organizemos então a actividade escolar! Criemos a escola trabalhadora! Os alunos têm necessidade de actividade, mesmo se as suas ocupações são desdenhosamente qualificadas por nós de jogos. Deixemo-los trabalhar! (FREINET, 1977, p.54).

Freinet censurou severamente a arbitrariedade dos conteúdos escolares defasados em relação à realidade e ao progresso científico, presente em manuais superados. Paiva (1996) esclarece que o mestre francês criticava também a ineficácia da metodologia que contrariava o percurso natural da vida e a artificialidade de todos os conteúdos ministrados em sala de aula.

A escola Freinetiana tem como base a cooperação, as trocas e a socialização. São pilares essenciais para uma educação atualizada e libertária. Atualizada no sentido de estar atenta aos desejos e anseios de seus alunos a novos tipos de comunicação que podem ser utilizados no desenvolvimento de aprendizagens; e libertária no aspecto de dar voz ao aluno permitindo a ele ser parte integrante de sua escola e não somente mais um aluno, sem vontade e interesse pelos assuntos relacionados a sua educação (ELIAS, 1996).

Para Freinet (1977), a educação acaba por ser prazerosa:

Neste caminho da educação natural tudo é alegria e vida. Inútil doravante sacudir a criança, constrangê-la com áridas tarefas escolares. A sua necessidade de actividade, o seu desejo de conhecer, o seu apetite de trabalho bastam, contanto que se lhe dê a possibilidade de as satisfazer utilmente (FREINET, 1977, p. 47).

Se o apetite pelo trabalho é saciado pelas atividades escolares e os alunos se sentem vivos e realizados, a instrução acontece como consequência dentro da educação. Neste sentido, o método Freinet desloca o eixo educativo do professor para a criança, é a criança que deverá se educar através do auxílio do professor.

O professor deve fazer como a mãe, pois, segundo Freinet,

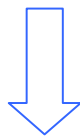
A mãe ensina a linguagem ao filho. O professor deve ensinar os seus alunos a falar o mais correctamente possível, depois a exprimir as suas ideias pela escrita, a ler enfim, nos livros, o pensamento dos outros (FREINET, 1977, p. 36).

A educação é baseada na ação e na intervenção, conforme Elias (1996), o ato da instrução trata de um processo intencional, uma vez que esse ato possui objetivo e metas explícitos. Para Freinet, a aprendizagem é construída pouco a pouco, nada é pronto definitivamente, pois existe um turbilhão de possibilidades e não há receitas de como essa relação acontece. Os alunos dessa pedagogia são mais ativos, críticos, assumem responsabilidades, tomam iniciativas sobre trabalhos e atividades, são mais autônomos, livres, cooperam entre si, reconhecem a importância do grupo e da divisão do trabalho.

Protagonistas de sua própria aprendizagem, alunos e professores seguem alguns princípios Freinetianos nos quais sustentam esse fazer pedagógico.

O mestre francês acreditava que não existe educação não diretiva, pois a educação é ação e intervenção com a função de orientar e proporcionar aos alunos a construção de um pensamento autônomo, de cooperação e reflexão, como ilustrado a seguir:

Princípios da Pedagogia Freinet



Participação	-	Cooperação
Individualização	-	Socialização
Criatividade	-	Atividade
Crítica	-	Valorização
Autonomia	-	Responsabilidade
Unidade	-	Integração e Interdisciplinaridade

Fonte: Elias (1996, p. 29)

O professor é agente de extrema importância para a Pedagogia Freinetina, pois deve pesquisar, informar-se sobre a melhor forma de ensinar e a melhor maneira de aprender de cada indivíduo. É função do professor estimular e confiar no desenvolvimento e na capacidade de cada criança. Freinet, segundo Paiva (1996), atribui ao professor a função de se colocar no patamar da criança, compreendê-la, ouvi-la e ensinar a ela, segundo a base do método de educação popular que não se preocupa com as preferências do professor, e sim com a vida da criança, suas possibilidades e necessidades (FREINET, 1977).

Para Granzotto (1996), a pedagogia Freinet tem como prioridade a formação do ser com segmentos éticos e morais, e é por meio desses valores priorizados que os alunos têm uma visão total do mundo. A autora afirma sobre a consciência de que a escola não consegue solucionar todos os conflitos humanos, porém, ela pode contribuir com o processo de humanização, revelando teorias elitistas, preconceitos e concepções de bondade inata do homem.

O papel do professor, segundo Baclet (1976), não é de ser o exemplo, o bom em tudo aquilo que faz, mas sim de ser acessível e estar ao alcance, que possa sonhar em ser algo parecido e/ou permitido, algo real sob uma perspectiva de progresso.

Segundo Santos (1996), a inovação da proposta freinetiana está no formato das atividades escolares que se apresentam na configuração de um verdadeiro trabalho, propiciando aos alunos uma exposição dos resultados para um público externo.

Cabe à escola, com a ajuda dos pais e/ou responsáveis, ajudar as crianças com seus conflitos, procurando não apenas solucioná-los, mas sim fazer com que esses indivíduos cresçam nessa ultrapassagem.

Freinet (2004), em um texto intitulado, “Sejam Humanos”, compara alguns educadores com pais que foram terríveis quando crianças e acabam por se tornar severos demais com seus filhos. Realiza outra comparação, um adulto que caminha rápido demais, sem pensar na criança que está ao seu lado e que não consegue acompanhá-lo, segundo Freinet, nos dois casos os adultos reagem com as possibilidades e conhecimentos de um adulto, como se as crianças tivessem as mesmas possibilidades. E com base neste pensamento afirma:

“Se você não voltar a ser como uma criança...” não entrará no reino encantado da pedagogia... Em vez de procurar esquecer a infância, acostume-se a revivê-la; reviva-a com os alunos, procurando compreender as possíveis diferenças originadas pela diversidade de meios e pelo trágico dos acontecimentos que influenciam tão cruelmente a infância contemporânea. Compreenda que essas crianças são mais ou menos o que você era há uma geração. Você não era melhor do que elas, e elas não são piores do que você; portanto, se o meio escolar e social lhes fossem mais favoráveis, poderiam fazer melhor do que você, o que seria um êxito pedagógico e uma garantia de progresso (FREINET, 2004, p. 28-29).

Segundo Granzotto (1996), não é algo tão deslumbrante dar afetividade e amor dentro do ambiente escolar, são sentimentos e funções de cuidar, respeitar e conhecer cada aluno com sua especificidade, com sua individualidade. Se a função docente de cuidar e ensinar seus alunos dentro de sala de aula fosse realizada com amor, a escola passaria a ser muito mais prazerosa para aqueles que aprendem e também para aqueles que ensinam.

Deste modo, o professor torna-se responsável pela questão metodológica, com sensibilidade, conhecimento, instrução, domínio e autoridade, não apenas no que diz respeito à preparação das aulas e seus respectivos conteúdos, mas também no desenvolvimento da aprendizagem e de técnicas no comprometimento com a totalidade da educação (ELIAS, 1996)

O papel do educador essencialmente será o de conservar e despertar na criança a vontade do conhecimento, prestando aos alunos condições para a instrução e a elaboração por meio da educação.

O insucesso evidente da escola actual é devido certamente, em grande parte, a este erro dos educadores que acreditaram durante muito tempo na onipotência da sua palavra e das suas lições administradas a alunos de (braços cruzados) (FREINET, 1977, p. 54).

A partir de observações realizadas com crianças, Freinet percebeu que somente uma Pedagogia Natural - inovadora, do povo – é capaz de proporcionar ao educando prazer e alegria, por meio do desenvolvimento do conhecimento e da aprendizagem. Precisa-se de uma escola preocupada com o respeito ao aluno, que proporcione desenvolvimento emocional, intelectual e confiança, e que permita à criança um aprendizado para toda a vida. Segundo Paiva (1996), Freinet acreditava que a criança não é um ser isolado, e sim parte de uma comunidade, de uma cidade, de um país, de um todo.

As limitações não existiam para Freinet, pois o mesmo estabeleceu, desde o início de sua carreira como professor, a dominação do afetivo sobre o cognitivo. Granzotto (1996) afirma ainda que o mestre francês mostrou por meio de sua prática escolar que é possível e acessível a todo e qualquer educador criar em sua escola e/ou sala de aula ambientes que favoreçam a aprendizagem, além de técnicas e estratégias que favoreçam as modificações comportamentais desejadas.

Freinet (1977) justifica a sistematização da educação como um caminho a ser seguido tal como:

Não partiremos sistematicamente da ciência ou das realizações adultas para descer à criança; tomaremos o caminho inverso: considerando a criança tal como ela é, com seus interesses e as suas necessidades particulares, com o seu raciocínio e a sua lógica especial, ajudá-la-emos a desenvolver-se: organizaremos e preparemos o meio e os meios que lhe permitirão elevar-se, com a nossa ajuda, à ciência adulta (FREINET, 1977, p.45).

O professor se encarrega de motivar seus alunos a realizar pesquisas sobre os diversos conteúdos previstos, que serão apresentados por meio da imprensa escolar, do texto livre, de filmes, entre outras técnicas, e o trabalho em equipe os ajudará a aprender com mais facilidade e com mais vontade de observar e criar (FREINET, 1977)

Na Pedagogia Freinet, as aulas são momentos privilegiados em que cada aluno trabalha em seu ritmo, com a ajuda de seu grupo, um lugar em que as dificuldades são resolvidas na coletividade (UEBERSCHLAG, 1976).

A constituição da classe freinetiana é baseada em um ateliê de trabalho, e não em forma de auditório como nas salas de aula atuais. A classe é dividida em cantos, nos

quais grupos de alunos se revezam, propiciando aprendizado de diferentes formas e dos mais diversos tipos. Esses cantos são monitorados pelo professor responsável.

Freinet conceitua:

As classes Freinet parecem-se todas nos seus fundamentos, no seu ritmo e no seu espírito. Mas porque estão baseadas na vida da criança no seu meio, são necessariamente diversas, de acordo com estes meios e estas crianças; diferentes segundo as idades, as estações, os aspectos regionais, a originalidade das culturas e dos trabalhos, mas, ao mesmo tempo, com esta parte do individual e do universal que deveria constituir actualmente um sinal da cultura e da civilização. São como belos jardins cujas plantas extraem, num solo rico, a mesma seiva, mas onde desabrocham, segundo a sua natureza e a sua utilidade, os legumes úteis, as árvores generosas e as flores da poesia e da beleza, tão necessárias por vezes como os alimentos fundamentais (FREINET, 1975, p. 50).

Os cantos, como são chamados cada parte da sala Freinet, respeitam a vontade e a individualidade de cada aluno, abordam diferentes disciplinas e diversas afinidades; sendo assim, a criança elabora seu próprio dia na escola com o objetivo de passar por todos os cantos, segundo sua necessidade.

Ao criar suas técnicas, o mestre francês acreditava que elas poderiam e deveriam ser inovadas de acordo com a necessidade e a disposição dos professores, tendo em vista que o avanço tecnológico ocorre a todo tempo, Paiva (1996) enfatiza ainda que o mestre francês sublinhava o aspecto não estático da sua pedagogia, pois mesmo Freinet (1977) já dizia que

Não há dúvida que com as descobertas científicas alucinantes destes últimos anos, com a industrialização a caminho de se generalizar, com a entrada no circuito cultural de elementos explosivos como o rádio, o cinema e a televisão, uma mutação está em vias de se produzir no meio em que vivemos. Esta mutação tem como verdadeiro corolário uma mutação similar no espírito e no comportamento da infância e da juventude. Os processos de conhecimento, de pensamento, de acção e de reacção são profundamente afectados. (FREINET, 1977, p. 9)

Freinet confiava no avanço da tecnologia e todo seu progresso, certo de que contribuiria na melhoria da educação e, conseqüentemente, nos métodos adotado pelos professores.

Convictos de que a Pedagogia Freinet não é uma técnica estática, Santos (1996) nos descreve que os adeptos freinetianos introduziram novas tecnologias como o video-

cassete, a televisão, o gravador, o rádio, o computador, o fax, com o objetivo de facilitar a aprendizagem.

Freinet (1975) esclarece que:

Vivemos em uma época em que os automóveis de há dez anos são velhos calhambeques, em que o avião de há alguns anos é uma velha < avioneta>, e todo aquele que não vive com o telefone e a tv faz já parte de um mundo que morre (FREINET, 1975, p.10)

O destaque que esse pedagogo dá à atualização do professor, a importância da tecnologia dentro da sala de aula e logo dentro da escola se faz notável com sua preocupação de que seus dispositivos sejam atualizados constantemente, com objetivo de se tornarem parte integrante da criança, para que sua metodologia se adapte aos tempos atuais.

Sua pedagogia é também apoiada na ideia da educação pelo trabalho, através da qual cada militante tem função e participação dentro de sua própria educação. A exemplo de uma fábrica de verdade, cabe aos funcionários fazer com que ela produza, assim também funciona a educação freinetiana. Segundo Paiva (1996), é baseado na ideia de Freinet em aliar a educação ao trabalho que a educação encontrará sua essência e seu motor fundamental, em que os alunos são responsáveis por sua aprendizagem e sua formação de modo geral.

A educação pelo trabalho é definida a partir de um plano de atividades elaboradas pelos alunos com orientação de seu professor, baseado no contexto de sua classe cooperativa.

Baclet (1976, p.24) caracteriza a Pedagogia do Trabalho como um:

[...] movimento de trabalhadores em que as diferenças são aceitas, em que a hierarquia – os níveis de organização – nascem exclusivamente do trabalho e das suas exigências, em que os testemunhos de experiências são o alimento das reflexões e das pesquisas, antes dos tratados teóricos (BACLET, 1976, p. 24)

Segundo Paiva (1996), Freinet se apoiava no atendimento às diferenças, justificando assim a individualização do ensino; nesse sentido o aprender se desenvolve por meio das peculiaridades e no respeito às diferentes possibilidades do conhecer. A autora esclarece, ainda, que o atendimento individualizado presente na pedagogia Freinet se torna evidente a partir de alguns dispositivos para o atendimento individualizado, tais como plano de trabalho, cadernos autocorretivos, fichários, texto

livre, entre outros, com o objetivo de cada aluno conseguir avançar em seu próprio tempo. Deste modo, a Pedagogia do Trabalho se justifica no momento em que cada aluno em seu tempo produz aquilo que é necessário para seu desenvolvimento, com seus dispositivos escolhidos.

O comportamento humano é organizado pela sistematização de experiências realizadas com êxitos, e é a partir desse conjunto de realizações que constituímos nossas vidas. Para essas experiências darem certo, a criança desde pequena começa a edificação de sua vida e de suas experiências com ajuda de um adulto.

Essa talvez seja a diferença entre educação e adestramento, segundo Freinet (1998), no adestramento quem edifica as vigas do edifício chamado vida é o adulto responsável pela criança, reforçando barreiras e possibilitando que a criança construa a partir das limitações, das barreiras impostas. A educação é diferente, a criança segue seus instintos na edificação de sua própria vida, é a própria criança que atende a suas necessidades instintivas, o adulto auxilia a construção dessa edificação, porém é a criança que constrói.

No adestramento, para Freinet

(...) o adulto já decidiu de antemão que a construção terá esta ou aquela forma, que esta parte do edifício será abandonada em favor daquele outro pavilhão para onde serão dirigidos todos os materiais a fim de levantá-lo o mais alto possível. Efetivamente, a ala privilegiada sobe às alturas e domina até as construções ao redor. E o homem fica orgulhoso dessa subida que parece uma flecha (FREINET, 1998, p. 59).

Segundo Granzotto (1996), no mundo atual e confuso em que vivemos, o equilíbrio da criança pode ser comprometido por diferentes motivos, e as condições de vida moderna em alguns casos são inaceitáveis e cruéis, repercutindo no psiquismo das crianças, gerando assim insegurança, agressividade, apatia e inaptidão para a escola e para a família.

O mesmo tema é abordado por Freinet (1977) e nomeado como indisciplina em sala de aula, que se justifica como a falta de participação e de paixão da criança por determinada atividade, pois segundo a autora, a própria atividade irá disciplinar. A função do professor se concentra a partir da elaboração de atividades que satisfaçam a personalidade dos alunos, deixando-o livre e seguro, confiando em seu professor.

Outro fator determinante na disciplina diz respeito ao que a maioria das escolas ensina aos alunos, elementos do conhecimento que não possuem nenhuma relação com o espírito da criança. Freinet (1977) justifica ainda que:

Enquanto os exames não forem transformados na sua própria natureza, a escola está condenada a ensinar palavras em vez de formar e desenvolver espíritos” (FREINET, 1977, p. 59).
Para se educar não basta que a criança trague todas as matérias que lhe apresentam de maneira mais ou menos tentadora; é preciso que ela aja por si mesma, que crie (FREINET, 1977, p. 61).

Preparar e organizar o meio em que a criança vive e participar do procedimento facilitando o desenvolvimento do processo de humanização é tarefa dos pais e também do professor.

Assim como a criança tem necessidade em sua educação de ajuda dos pais e de seu professor, é preciso que ela extraia conhecimentos originados de todas as partes. Deste modo, a formação do indivíduo só decorre do esforço individual, do esforço ativo, pessoal, livre, de acordo com as necessidades naturais do indivíduo (FREINET, 1977).

É preciso que a criança se torne sensível às motivações que lhe trazemos, que compreenda que aquilo que tem a dizer é agora importante para a sua vida, para a vida da comunidade, no seio da qual deve, já representar um papel de homem (FREINET, 1975, p. 60- 61).

Freinet (1998) escreve sobre a distorção do verdadeiro sentido da palavra e da ação sobre ela no que diz respeito à regra dada às crianças. Para o autor, as regras são mecanismos de potencialização e harmonização para continuidade e construção de sua própria vida, porém, alguns tiranos utilizam essas regras para escravização de seus filhos e/ou alunos. Assim sendo, as regras devem ser dadas em função da criança e não somente do interesse de seu mestre, descaracterizando assim seu autoritarismo.

Silva (2005) enfatiza a importância do princípio de cooperação dentro da obra freinetiana no que concerne à criação e elaboração de ambientes estimuladores e com elementos mediadores para atuar como facilitador e aproximativo na relação professor-aluno. Freinet, por meio da cooperação, objetivava a busca na experiência coletiva, buscando elementos para uma aprendizagem crítica através de uma pedagogia para todos - sem exclusões.

A cooperação deve ser realizada por meio de um acordo legítimo entre professor e alunos, nesse sentido, Elias (1996) nos descreve que a partir desse contrato os alunos se tornam mais ativos e mais críticos e passam a tomar iniciativas, assumindo responsabilidades e funções, dividindo tarefas dentro do grupo. A estratégia utilizada por Freinet para ministrar a classe foi firmando um acordo de não comprometer sua própria saúde e dar a seus alunos um papel mais ativo no plano escolar (FREINET, 1977).

Uma coisa é pelo menos certa: ao modificar as técnicas de trabalho, modificamos automaticamente as condições da vida escolar e para-escolar; criamos um novo clima; melhoramos as relações entre as crianças e o meio, entre as crianças e os professores. E é com certeza o benefício mais importante com que contribuimos para o progresso da educação e da cultura (FREINET, 1975, p. 46).

Paiva (1996) escreve que a criança tem a necessidade e o direito de comemorar sua aprendizagem, de analisar o mundo, de se contentar com suas próprias conquistas e de buscar seus conhecimentos, e enfatiza ainda que é por meio do caminhar que a criança aprende a andar e é também através do ato de expressar que a criança aprende a se conhecer e a conhecer o outro.

De acordo com Paiva (1996), o tateamento experimental atende ao ritmo de aprendizagem de cada aluno, respeitando assim o tempo de cada criança. Os saberes adquiridos vão se concretizar e revisar com a aquisição de novos conhecimentos, pois, para o mestre francês, o conhecimento que pode influenciar o comportamento é aquele que o indivíduo descobre sozinho e do qual ele se apropria.

O tateamento experimental e a aprendizagem natural estão ligados, pois é por meio do trabalho de pesquisa reflexiva, criação de hipóteses, verificações, aplicação e compreensão que o aprendizado tornar-se-á mais eficiente.

Na Pedagogia Freinetiana, todas as pessoas envolvidas na aprendizagem - adultos ou crianças - relacionam-se entre si, respeitando uns aos outros, conservando assim a integridade pessoal de cada um.

Granzotto (1996) explica que o respeito na pedagogia em questão não é medo nem submissão, e sim a possibilidade de ver o outro como um indivíduo diferente, amando e respeitando suas peculiaridades. E somente a partir do conhecimento do outro é que se pode vê-lo em sua totalidade sem que o deformemos a partir de nossos anseios e nossas angústias.

Nesse sentido, para Freinet (1976, p.22)

(...) vamos a reboque das crianças; baixamo-nos até elas em vez de as elevar até nós, porque, ao fim e ao cabo, esta riqueza prometedora do texto livre só poderá ser uma exceção. Raramente teremos uma escolha suficiente de textos, porque os nossos alunos só trabalham quando são obrigados e cansam-se depressa. Ou então, serão sempre os mesmos a fazer os textos, o que é apenas uma solução aparente.

Torna-se então mais uma missão da escola em união com a família resguardar o lugar dessas crianças além de tentar recuperá-las e devolver-lhes o equilíbrio necessário para a vida (GRANZOTTO, 1996). Para que esse equilíbrio aconteça, Freinet propõe a expressão livre e o texto livre como um dispositivo chave da afetividade para que o aluno se sinta livre para pensar, aprender e sonhar dentro da escola.

De acordo com Freinet,

A livre expressão é a própria manifestação da vida. Praticar a expressão livre é dar a palavra à criança, é dar-lhe meios de se exprimir e de se comunicar. O centro da escola não é mais o professor, mas a criança, a vida da criança; suas necessidades, suas possibilidades constituem a base do nosso método de educação popular (FREINET, 1979, p.12).

A expressão livre permite à criança, de acordo com Granzotto (1996), expressar-se sem competição perante o seu professor e seus amigos de sala de aula, possibilitando relações como confiança, amor, afetividade entre outras, fundamentais ao desenvolvimento humano e à vida em sociedade. É a partir da expressão livre que a criança se liberta espontaneamente, demonstrando sua verdadeira realidade, suas características, suas vivências, possibilitando ao educador conhecer cada aluno em seu conjunto.

Trata-se do momento em que a criança exprime seu mais puro sentimento, estabelecendo as melhores motivações, e é a partir desse envolvimento que o professor traça as melhores trajetórias de aprendizagem (B CLET, 1976, p. 20)

Os alunos, pouco a pouco, com o auxílio da expressão livre, começaram a dissertar sobre fatos ocorridos na vida pessoal e familiar, demonstrando assim que a expressão livre é uma atividade de saúde moral e de libertação a todos.

Mas é preciso igualmente regressar ao aprisco, reencontrar a aula poeirenta, o alinhamento das mesas, o quadro preto e tantas obrigações escolásticas que condicionam o comportamento do imobilismo e o nervosismo dos alunos e do professor (FREINET, 1977, p.13).

Ao contrário da Pedagogia da Abstração e do imobilismo, Freinet libera a espontaneidade da criança dentro de sala de aula, assim nasce a expressão livre (FREINET, 1977).

Deste modo:

[...] a expressão livre da criança se encontrava na origem de uma inversão da concepção de educação, como alternativa à simples prática escolar dos programas e da aquisição (FREINET, 1977, p. 22).

A expressão livre era realizada sem esforço, na originalidade da criança, por meio da expressão oral e escrita com toda a verdade da criança. Esse dispositivo tão inovador e ao mesmo tempo tão simples de ser aplicado em sala de aula facilita a criatividade tanto no desenho quanto na música, no teatro e em outras atividades (FREINET, 1977)

Trata-se de um dispositivo completo, porém é necessário que o professor em conjunto com sua sala de aula propicie possibilidades para que esse tipo de vivência ocorra, criando assim um novo clima em sala de aula, muito mais atrativo e prazeroso, promovendo assim a espontaneidade da criança, possibilitando ao professor um conhecimento maior de seus alunos (PAIVA, 1996).

Freinet acreditava que a escola deveria ser um local onde a criança/aluno tem voz ativa, tem participação na construção da escola. O aprendizado nessa Pedagogia, segundo Paiva (1996), acontece por diferentes meios (oral, escrito, artístico, musical entre outros) e é através do desenho livre, do texto livre, do teatro, da dança, do ato de se expressar que a criança se desenvolve intelectualmente, inventa, cria, se exprime, se revela.

O texto livre é o mais verdadeiramente íntimo, que nasce e renasce do interior de seus alunos. Esses textos apresentam uma sinceridade tão profunda e quando seus alunos se deparavam com textos narrativos questionavam: “É bonito, tu encontraste belas imagens, mas onde estás tu, lá dentro? Que pensas, tu disso? Não te reconhecemos, é uma coisa anônima” (DELVALLEE, 1976, p.64/65).

Freinet escreve que:

Um texto livre deve ser realmente livre. Que isto de dizer que escrevemos quando temos alguma coisa a dizer, quando sentimos a necessidade de exprimir, escrevendo ou desenhando, aquilo que em nós se agita (FREINET, 1976, p. 21).

O objetivo principal da espontaneidade advinda da criação dos textos livres é de promover a sensibilidade da criança, princípio fundamental, segundo Freinet, da verdadeira experiência psicológica do infante (FREINET, 1977).

Para Freinet (1976):

A criança escreverá o seu texto espontâneo à noite, num canto da mesa; nos joelhos, ouvindo a avó recordar histórias surpreendentes do passado; em cima da pasta, antes de entrar na sala, e também naturalmente, durante as horas de trabalho livre que reservamos na utilização do tempo (FREINET, 1976, p. 21).

O texto livre se tornaria uma questão de hábito, as crianças sentiriam necessidade de escrever sem que isso fosse uma tarefa ou uma simples obrigação diária, os alunos escreveriam em qualquer lugar e em diversas situações, transformando o texto em um desabafo ou em uma aventura. O texto livre, de acordo com Freinet (1977), liberta o pensamento da criança, facilitando sua expressão.

Freinet acreditava que

[...] O Texto Livre quase unanimemente recomendado actualmente-embora não seja sempre judiciosamente praticado – não deixa de consagrar oficialmente esta aptidão da criança para pensar e para se exprimir e para passar de um estado de menoridade mental e afectiva à dignidade de um ser capaz de construir experimentalmente a sua personalidade e de orientar o seu destino (FREINET, 1975, p.27-28).

Trata-se de uma mudança de etapa, o aluno por meio do texto livre constrói sua personalidade por meio de tentativa, sai de um estado mental infantil para escrever sua própria história.

Aula-passeio trata de um momento fora do ambiente escolar, um momento para o aluno experimentar e conhecer na prática aquilo passado em sala de aula. Desenvolve a criatividade do aluno, a espontaneidade, os questionamentos surgem a partir da vivência e da experiência de cada criança. Segundo Freinet (1975), o clima não escolar dos passeios criava relações diferentes daquelas convencionais de sala de aula, a criança se tornava mais espontânea e muito mais criativa ao relatar em seus textos as aventuras.

A aula-passeio constituía para mim uma tábua de salvação. Em vez de me postar, sonolento diante de um quadro de leitura, no começo da

aula da tarde, partia com as crianças pelos campos que circundavam a aldeia. Ao atravessarmos as ruas, parávamos para admirar o ferreiro, o marceneiro ou o tecelão, cujos gestos metódicos e seguros nos inspiravam o desejo de os imitar. Observávamos no campo diversas estações: no Inverno, víamos os grandes lençóis estendidos sob as oliveiras para receber as azeitonas varejadas; na Primavera, as flores de laranjeira em todo o seu encanto, as quais pareciam oferecer-se às nossas mãos; já não examinávamos como professor e alunos, em torno de nós, a flor ou o insecto, a pedra ou o regato. Sentíamos-os com o todo o nosso ser, não só objectivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural. E trazíamos as nossas riquezas: fósseis, nozes, avelãs, argila ou uma ave morta (FREINET, 1975, p. 23).

As aulas-passeio nascem depois de dias sombrios e frios dentro de sala de aula, com a preocupação de fazer um apanhado sobre o que acontece durante esse passeio. E ao término da aula-passeio, o mestre coloca na lousa os pontos mais marcantes do passeio e das novas descobertas. As crianças, a partir das frases expostas na lousa e da leitura, atentam aos dados reais vividos por elas e iniciam seu próprio texto livre (FREINET, 1977).

(...) uma busca permanente dos olhos, dos ouvidos, de todos os sentidos abertos à magia do mundo, fazia surgir de todas estas paisagens transformadas, como novas, uma incessante descoberta, imediatamente comunicada e tornada colectiva. E era, agarrada em voo por um mestre atento, a libertação das almas infantis, uma coesão lentamente construída e mais íntima da comunidade escolar (FREINET, 1977, p. 17).

A partir da aula-passeio e conseqüentemente do texto livre, Freinet (1975) pensou em uma maneira de tornar todos esses textos e experiências, acessíveis para toda a comunidade, tanto escolar, quanto externa. Surge outro dispositivo freinetiano em 1927: a imprensa dentro da sala de aula (SANTOS, 1996)

A imprensa se caracteriza como um dispositivo que reforça a liberdade de expressão e a atividade da criança, enriquecendo-a cultural e intelectualmente. Os alunos passam a tipografar aprendendo os detalhes da técnica.

Freinet introduz a imprensa dentro de sala de aula para que os textos livres sejam levados a mais leitores, passando assim ter um significado maior tanto para os

escritores quanto para os leitores que poderiam vivenciar o contato com a natureza através das palavras dos alunos.

Uma técnica nova se vai afirmando; pouco a pouco, ela vai mudar o clima e o trabalho da aula, instaurar vida onde a escolástica mantinha os seus direitos, operar uma reviravolta decisiva de toda a prática escolar, abrir novos domínios para o comportamento da criança real e sensível (FREINET, 1977, p. 19).

A imprensa transformou por completo a vida dos alunos e até do professor, trazendo consigo o dinamismo de todos aqueles que queriam mudar o ensino. Freinet buscou por meio da imprensa a criação da audiência dentro da educação (FREINET, 1977).

Consoante Freinet (1977, p. 3), são alguns benefícios apresentados na utilização da imprensa em sala de aula: “agilidade manual, desenvolvimento da atenção tendo em vista que o texto necessita estar impecável, aprendizagem da escrita e da leitura, ortografia e concordância, responsabilidade pessoal e coletiva, trabalho em grupo”.

Porém, Freinet

Sentia contudo que, apesar dos primeiros êxitos da impressora escolar na minha aula de Bar-sur-Loup, ainda não corria tudo pelo melhor. Estes textos produzidos nas aulas eram bem lidos na aldeia, apreciados em geral pelos pais, mas isto não me parecia ainda suficiente. As crianças queriam e mereciam uma mais larga audiência. Para esse efeito, iniciei a correspondência interescolar. Em 1926, o meu amigo Daniel, de Saint-Philibert-de-Trégunc (Finisterra), comprou o nosso material e, espontaneamente, empenhou-se por sua vez na expressão livre (FREINET, 1975, p. 28).

A correspondência escolar, segundo Freinet (1977), motiva as atividades humanas, respondendo a afetividade expansiva da criança, proporcionando a unidade no trabalho em grupo e um melhor comportamento em sala de aula. Como afirmava Freinet:

As minhas pesquisas eram orientadas no sentido desta realidade nova; a experiência vivida, constantemente renovada e repetida, confirmava a minha intuição. Nascera um método natural de leitura que suprimia o *b-a ba* e que, como aprendizagem da linguagem pela criança, partia exclusivamente da vida, da expressão desta vida que se fixava na aula, através da impressão, em textos nítidos e definitivos (FREINET, 1975, p. 39).

A classe cooperativa Freinetiana dá a nota inicial para o movimento da Pedagogia Institucional com Vasques e Oury na França nos anos de 1960.

Freinet afirma, ainda, que

Noutros tempos, a pedagogia de 1900 seria ainda completamente válida. Pela força das circunstâncias, é considerada actualmente um instrumento pré-histórico. Vós, professores, não deveis espantar se, no plano escolar, as crianças não se interessarem pelos vossos textos aprendidos de cor, pelos vossos exercícios, pelas vossas explicações, pelos vossos métodos disciplinares e modo de vida que, segundo elas, datam da pré-história. Ao abandonarem a vossa de 1900, montarão o seu velocípede, conduzirão talvez já automóveis e tractores; discutirão problemas que vos eram ainda há pouco desconhecidos. E sobretudo, os meios audiovisuais de informação fá-los-ão viver num mundo em que vos obstinais em retê-los (FREINET, 1975, p.11).

As técnicas Freinet são realizadas em instalações organizadas e nomeadas como ateliês de trabalho. Outros dispositivos criados por Freinet compõem essa Pedagogia do afeto, da descoberta e da pesquisa constante. São eles:

✦ Audiovisuais

Recursos como gravação em fita cassete, montagens audiovisuais, fotografias, filmes entre outros são utilizados para proporcionar à criança uma formação completa em todos os sentidos e de diversas maneiras, desde que, segundo Sampaio (2007), não alterem a relação educativa entre professor/aluno. Esse dispositivo funciona como um atrativo em sala de aula, auxiliando e ilustrando as aulas, facilitando assim a compreensão dos alunos. Pode funcionar também como um auxiliar para o livro da vida.

✦ Livro da Vida

Funciona como um diário da classe, registrando a livre expressão (texto, desenho e pintura). Esse dispositivo assegura à criança a liberdade do falar, de contar coisas sobre a família, sobre os amigos, sobre o que aprendeu, sobre as mais diferentes coisas. Funciona não só como um diário de classe, mas também como um diário da vida, nele as crianças podem relatar aquilo que sentem necessidade de falar, que as angustiam, que as alegram, dependendo do estágio de desenvolvimento, a criança narra o acontecido e o professor escreve no diário, em outros estágios ela escreve seu depoimento e depois o lê para a classe. Esta atividade permite que as crianças exponham seus diferentes modos de ver a aula e a vida.

Folhas atrás de folhas, elas eram colocadas sobre uma cartonada, e assim foi feito um modesto livro chamado com razão *livro da vida*. Por uma audaciosa iniciativa, a encadernação com cavilhas de ferro substituiu, conseqüentemente, as colagens arriscadas e naturalmente o

livro da vida foi rebatizado pelas crianças *livro do parafuso*, o que abonava nada quanto aos seus próprios méritos... (FREINET, 1977, p.20).

✦ Fichário de Consulta / Fichário Escolar Cooperativo

Um fichário que disponibiliza aos alunos exercícios destinados à aprendizagem da ortografia, matemática, gramática entre outros. É elaborado pelo professor com interação com a turma em sala de aula. O objetivo principal deste dispositivo, além de selecionar atividades a partir da vontade e do desejo que cada criança, é a participação dos alunos na elaboração daquilo que eles vão aprender, transformando-os assim em participantes ativos de sua aprendizagem.

✦ Plano de Trabalho

Baseado no currículo escolar, grupos de alunos orientados pelo professor se organizam para escolher as estratégias de desenvolvimento das atividades que poderiam ser realizadas em grupos, duplas, ou individualmente, ao longo do ano, do mês, da semana.

Um dispositivo norteador na organização da Pedagogia Freinet, em que as crianças, com a ajuda de seu professor, decidem o que vão fazer, seguindo ritmo e horário que lhes agradem (FREINET, 1977).

✦ Caixas de Trabalho – Kits

Trata-se de um conjunto de exercícios para criação, construção, colagem, montagem, composição em atividades manuais, artísticas, experiências científicas e alguns trabalhos práticos.

Os kits são divididos e localizados nos cantos da sala, cada canto tem um kit específico, trabalhos referentes a cada disciplina e/ou conteúdo. Os alunos são orientados pelo professor e vão se intercalando entre os diferentes cantos, até que passem por todos, realizando as atividades presentes nos kits.

✦ Autoavaliação

A criança relata o resultado de seu trabalho e seus comportamentos em fichas de autoavaliação, relatando o que aconteceu, o porquê e o que ela acha de seu comportamento com fichas inscritas como eu critico, eu felicito, tendo como objetivo principal a autoavaliação constante, tanto do professor quanto do aluno.

✦ **Momento Conversa**

Trata-se de um momento em que as crianças falam sobre a vida, sobre seus medos, suas angústias, suas alegrias, seus sofrimentos, um instante, uma conversa, um olhar ao aluno à sua fala e aos seus problemas. A partir desse momento, segundo Santos (1996), os assuntos se tornam tema para o livro da vida e até para os ateliês, e dessas conversas quase tudo é aproveitado.

Assim sendo, a criança torna-se peça fundamental no desenvolvimento e na organização de sua própria vida e de sua comunidade (PAIVA, 1996).

Por meio da imprensa, do texto livre, do livro da vida, do momento da conversa, os alunos se expressam e constituem inúmeros relatos demonstrando as passagens do desenvolvimento infantil. A partir dessa experiência com a escrita de episódios verdadeiros, os professores poderão examinar a vida de suas crianças, seus sonhos, seus pensamentos em diferentes faixas etárias e nos mais diversos meios, possibilitando uma abordagem mais ampla e significativa.

Freinet (1975) afirma que

Se as nossas técnicas não tivessem, pelo menos, tido a virtude de permitir esta repentina manifestação viva, esta alegria de viver, elas não deixariam no entanto de imprimir na pedagogia uma virtualidade, um vigor de cuja fecundidade os nossos êxitos crescentes falarão em seguida todos os dias (FREINET, 1975, p.40).

Freinet (1998) escreve sobre a importância da adaptação da escola aos novos tipos de alunos, tendo como principais objetivos o reagrupamento, a união da velocidade desenfreada dos jovens com os antigos sábios e aos pais atarefados, unindo assim alunos, escola e família, tendo em vista que essa adaptação deve ocorrer não a cada geração, mas sim a cada dia. Silva (2005) acredita que a criança seja um ser social e afetivo como qualquer adulto, independentemente de suas condições psíquica, física ou social.

Para Paiva (1996), a Pedagogia Freinet é adotada em milhares de escolas em todo o mundo.

Na Pedagogia Freinet, segundo Paiva (1996), como se pode verificar, seus métodos constituem uma pedagogia na medida em que alteram por completo a realidade escolar, a disciplina escolar, a relação professor aluno e tem em vista a autonomia futura dos alunos.

CAPÍTULO III

1 - Metodologia

A princípio, escolher um objeto de estudo cujo meio de veiculação fosse a televisão, foi o primeiro paradigma a ser quebrado, visto que ela se caracteriza atualmente como algo banal e comercial. Considerar um programa como objeto de estudo tão criticado por alguns profissionais e tão adorado por inúmeras famílias que procuram uma solução para a educação de seus filhos, inicialmente nos provocou certo receio.

Porém, a partir de relatos sobre o programa surgiram indagações sobre sua possível eficácia e os procedimentos adotados pela apresentadora em diferentes situações cotidianas. Questionamentos como: Que técnicas utiliza? O que essa proposta televisiva apresenta que submete a esse tipo de abordagem? O que se institui a partir do programa? Aprende-se pela televisão? Educa-se pela televisão?.

Para responder a todos esses questionamentos, buscamos teoricamente a Pedagogia Freinet, utilizando-a na leitura do programa e na análise dos dados coletados, com a preocupação de dar significado a todo o emaranhado de situações e informações encontradas.

4.2 - Caracterização da Pesquisa:

Buscando um aporte metodológico, identificamos nossa pesquisa como qualitativa, apesar de não possuir algumas características, mas Bodgan e Biklen (1991, p.47) relatam que:

Nem todos os estudos que consideraríamos qualitativos patenteiam estas características com igual eloquência. Alguns deles são, inclusive, totalmente desprovidos de uma ou mais características. A questão não é tanto a de se determinada investigação é ou não totalmente qualitativa; trata-se sim de uma questão de grau.

As características qualitativas presentes em nossa pesquisa, de acordo com Bodgan e Biklen (1991), são:

a. “A investigação qualitativa é descritiva”. (BODGAN e BIKLEN, 1991, p. 48)

O programa Supernanny foi descrito parte a parte, procurando transmitir ao leitor, tanto àquele que já assistiu a ele quanto ao outro que nunca o tenha visto, cada etapa, buscando que nenhum detalhe escape aos seus olhos. Os métodos apresentados pela educadora Cris Poli foram transcritos e organizados em uma tabela com o objetivo de ilustrar e facilitar a visualização e o entendimento.

b. “Os investigadores qualitativos interessam mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados. (BODGAN e BIKLEN, 1991, 1991, p. 49).

A investigação qualitativa permite que o mundo seja estudado e examinado de diferentes formas em suas singularidades. Assim sendo, nossa preocupação foi desvendar, por meio da caracterização do programa, a metodologia utilizada na consulta às famílias que procuraram a pedagoga, comparando as similaridades com a pedagogia Freinet.

Procuramos responder aos questionamentos: Os dispositivos apresentados no programa condizem com a Pedagogia Freinet? Que método é esse do qual inúmeras pessoas fazem uso em casa, na escola, com primos, com amigos? Como analisar dois métodos que foram criados para atender a públicos diferentes?. Foram estas as questões que nortearam nossa investigação dos programas assistidos

A pesquisa qualitativa se preocupa com o delineamento do contexto, das possibilidades e acontecimentos que circundam o objeto de estudo, os resultados interessam, porém a evidência maior da pesquisa se encontra no trajeto como um todo para os possíveis resultados

Em nossa pesquisa, os nossos objetos de estudo assim como nosso referencial teórico foram claramente expostos, estruturados e analisados ponto a ponto, independentemente dos resultados apontados.

Nossa pesquisa utiliza-se do método comparativo constante. Esse método, segundo Bodgan e Biklen (1991), trata da seleção de fatos ou teorias semelhantes, que ao longo do trabalho são descritas uma a uma, categorizadas, integrando as dimensões de uma teoria.

Essa pesquisa, a partir de possíveis coincidências presentes nas atuações propostas pelo objeto de estudo e nosso referencial teórico, apesar de se apresentarem em contextos distintos, permitiu-se de forma descritiva realizar possíveis comparações.

O programa Supernanny, como já foi dito anteriormente, se preocupa em atender em domicílio famílias “desesperadas” pela maneira com que estão educando seus filhos.

Procuram por meio do programa “fórmulas” de impor limites aos filhos e deseja que esse atendimento seja realizado por uma pessoa especializada no assunto, no caso a Pedagoga Cris Poli.

Nossa análise valeu-se da “lente” da Pedagogia Freinet pela semelhança de dispositivos utilizados pela Pedagoga. Procuramos então estabelecer relações entre os dispositivos educacionais presentes em duas realidades distintas: familiar e escolar.

Segundo Glaser (1978 apud BODGAN e BIKLEN, 1991) o método comparativo é composto por algumas etapas:

- 1- A coleta de dados foi realizada por meio da análise da primeira temporada do programa televisivo em questão descrevendo-a.
- 2- A partir da visualização do programa e do estudo sobre a Pedagogia Freinet, construímos categorias para os diferentes dispositivos educacionais presentes em ambos os contextos.
- 3- Algumas categorias coincidiram, então procuramos a diversidade dentro desses contextos.
- 4- As categorias, no caso os dispositivos educacionais, foram descritos de forma clara, explicando um a um, sabendo que partes dos dispositivos descritos estão presentes no programa televisivo, e a segunda parte das categorias é apresentada segundo a Pedagogia Freinet.
- 5- As relações foram realizadas entre os dispositivos pedagógicos educacionais encontrados em ambos os contextos, tanto no âmbito familiar quanto no âmbito escolar.
- 6- Foram construídos quadros para melhor visualização e para facilitação da análise das categorias apresentadas, além de demonstrar a intensidade com que elas ocorriam dentro dos episódios do programa Supernanny.

3 - Etapas do estudo

Como o programa televisivo em questão já havia sido apresentado em diferentes países, constatamos que à medida que as sugestões eram apresentadas “o método” ganhava a todo momento maiores dimensões. Para compreender a utilização da linguagem televisiva com finalidades sociais e educativas moldadas para o mais distinto público, percorremos diferentes etapas.

Iniciamos por um apanhado histórico sobre a relação entre televisão e educação, identificando os programas ao longo da história que tinham como objetivo a educação e a instrução.

Na segunda etapa, realizamos a contextualização do programa televisivo Supernanny, caracterizando todo seu segmento. Como o programa se encontra em sua quinta temporada, mas apenas foi colocado à disposição do comércio a primeira temporada, optamos por realizar a análise sobre os episódios desta série. A 1ª temporada do reality show é composta por três DVDs com 13 episódios, com duração total de 610 minutos. Este material foi locado por diversas vezes para realização da análise. Paralelamente averiguou-se o programa no site oficial, nas comunidades de sites de relacionamento, entrevistas em jornais e revistas, com relatos de profissionais sobre o reality show e suas funções.

Em um terceiro momento, realizamos uma leitura sistematizada do programa, apresentando sua composição e seus passos, identificando os dispositivos pedagógicos utilizados na educação das crianças.

Na quarta parte do trabalho, os dispositivos pedagógicos presentes no programa Supernanny, nomeados e apresentados como “métodos”, foram dispostos em um quadro relatando nome e incidência de cada um no decorrer dos 13 episódios.

A coleta de dados restringiu-se à visualização do programa, como já dito anteriormente. Os episódios foram vistos e revistos inúmeras vezes com o objetivo de descrevê-los em sua totalidade, destacando, é claro, os dispositivos utilizados pela apresentadora com as famílias trabalhadas, a fim de realizar posteriormente sob a ótica da Pedagogia Freinet.

4 - Procedimentos de Análise de Dados

Bogdan e Bilken (1991) nos afirmam que:

Na medida em que se vão lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas de os sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre seus dados e em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmo tópicos e padrões (BOGDAN e BILKEN, 1991, p. 221)

A partir dessa categorização de palavras, surge uma nova etapa nomeada categoria de codificação constituída:

(...) um meio de classificar os dados descritivos que recolhemos de forma que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente separado dos outros dados (BOGDAN e BILKEN, 1991, p. 221).

Os temas abordados em nossa discussão são:

1. Classificação do Programa
2. Tabela de comparações
3. Contextos
4. Objetivos
5. A importância dos pais na educação dos filhos
6. Método

CAPÍTULO IV

Resultados e Discussão

1-Analisando os episódios

A partir de uma análise minuciosa dos trezes episódios da primeira temporada do Programa Supernanny, procuramos primeiramente detalhar os problemas detectados em cada família assistida pelo programa e as técnicas sugeridas pela apresentadora. Nesse momento, destacamos cada família, nomeada como nos episódios, pelos nomes das crianças junto com os problemas apontados pela apresentadora e em seguida as técnicas utilizadas para tentar solucionar os problemas.

Esta descrição tem apenas a intenção de relacionar e diferenciar as técnicas empregadas pela Pedagoga Cris Poli a partir dos problemas detectados por ela nas famílias envolvidas na realização do programa. Além de facilitar a visualização de toda a abordagem realizada a partir da primeira temporada analisada.

Baseado nessa análise dos episódios do programa, buscamos comprovar quais os problemas e os procedimentos utilizados em cada família, em cada episódio, em que situações eles são empregados, reunindo assim todas as técnicas que compõem este programa, a fim de listar os procedimentos adotados pela apresentadora para posteriormente estabelecer uma possível comparação e aproximação com os dispositivos educacionais criados por Celestin Freinet.

Episódio 1: Família Rhanna e Najla

Problemas apontados pela apresentadora:

- Falta de organização da casa;
- Má alimentação;
- Briga entre irmãos;
- Falta de horários na casa;
- Ciúmes entre irmãos;
- Infantilização dos filhos;
- Birras e choros;
- Ameaças sem atitudes coercitivas;
- Crianças agitadas;
- Falta de respeito com os pais;
- Falta de limites para as crianças;
- Amamentação fora do tempo;
- Falta de individualidade das criança;
- Gritaria;
- Agressão dos pais nos filhos;
- Filhos não se alimentam sozinhos.

Técnicas adotadas pela família:

- Criação de uma nova rotina para a família;
- Hora de Desmamar;
- Regras para as crianças;
- Controle das guloseimas;
- Incentivando a Comer Sozinho;
- Tapetinho da disciplina;
- Método do Envolvimento;
- Método do Desabafo.

Episódio 2: Família Henrique e Catarina

Problemas apontados pela apresentadora:

- Desorganização da casa;
- Mentiras;
- Briga entre irmãos;
- Infantilização dos filhos;
- Birras e choros;
- Excesso de colo;
- Falta de respeito com a mãe;
- Falta de controle dos esfíncteres;
- Agressão do filho nos pais;
- Brincadeiras violentas;
- Presentes como forma de compra ao respeito dos filhos;
- Falta de diálogo entre os pais;
- Chantagens de filho com a mãe;
- Gritaria/gritos;

Técnicas adotadas pela família:

- Nova rotina elaborada pelo casal com a supervisão da Nany;
- Método do Troninho;
- Caixa do Confisco;
- Regra para os Pais;
- Jogo da Verdade;
- Regras para as crianças;
- Tapetinho da disciplina/Área de reflexão;
- Método do Desabafo.

Episódio 3: Família Gabriel e Mateus

Problemas apontados pela apresentadora:

- Discordância dos pais na educação dos filhos;
- Falta de horários na casa;
- Birras e choros;
- Insatisfação da mãe com a família;
- Filho no quarto do casal;
- Falta de respeito com o pai;
- Falta de respeito com a mãe;
- Mimos e manhas;
- Agressão do filho nos pais;
- Amamentação fora do tempo;
- Agressão dos pais nos filhos.

Técnicas adotadas pela família

- Nova rotina;
- Brincadeiras Dirigidas;
- Método cara a cara;
- Método da Distração;
- Método Vai e Volta;
- Novo quarto para a criança;
- Método do Incentivo;
- Regras para as crianças;
- Tapetinho da disciplina/Área de reflexão;
- Hora de Desmamar;
- Área Supervisionada.

Episódio 4: Família Bárbara, Leticia e Gustavo

Problemas apontados pela apresentadora:

- Desorganização da casa;
- Crianças inseguras e tristes;
- Pai ausente;
- Briga entre irmãos;
- Falta de horários na casa;
- Ciúmes entre irmãos;
- Super valorização de situações corriqueiras;
- Criação de situações opressoras;
- Falta de respeito com a mãe;
- Pressão psicológica sobre as crianças;
- Falta de controle dos esfíncteres;
- Falta de individualidade das crianças;

Técnicas adotadas pela família

- Regra para os Pais;
- Brincadeiras Dirigidas;
- Nova rotina;
- Regras para as crianças;
- Tapetinho da disciplina/Área de reflexão;
- Hora de Desmamar;
- Método da Aproximação;
- Método da Organização;
- Criação de uma nova rotina para casa;
- Regras para as crianças em cartazes;
- Organização da casa;
- Método da aproximação do irmão;
- Incentivando a comer;
- Cantinho da disciplina.

Episódio 5: Família Luis Augusto e Maria Eduarda

Problemas apontados pela apresentadora:

- Desorganização da casa;
- Discordância dos pais na educação dos filhos;
- Pai ausente;
- Briga entre irmãos;
- Falta de horários na casa;
- Ciúmes entre irmãos;
- Birras e choros;
- Filho no quarto do casal;
- Criação de situações opressoras;
- Crianças agitadas;
- Mimos e manhas;
- Gritaria;
- Falta de interesse ao filho mais velho;
- Falta de integração familiar;
- Filhos Não aceitam o “não”;

Técnicas adotadas pela família

- Nova rotina;
- Método do Incentivo;
- Regras para as crianças;
- Tapetinho da disciplina/Área de reflexão;
- Método do Desabafo;
- Rotina para os Dias de Folga;
- Método dos Pontos Fortes;
- Método Integração-Troca de Papéis;
- Brinquedos Educativo;

Episódio 6: Família Bruno, Gabriel e Felipe

Problemas apontados pela apresentadora:

- Discordância dos pais na educação dos filhos;
- Pai ausente;
- Má alimentação;
- Briga entre irmãos;
- Falta de horários na casa;
- Ameaças sem atitudes coercitivas;
- Crianças agitadas;
- Mimos e manhas;
- Falta de diálogo entre os pais;
- Gritaria/gritos;
- Agressão dos pais nos filhos;
- Mãe instável emocionalmente;
- Falta de autoridade da mãe;
- Falta de paciência da mãe;
- Distanciamento do casal;
- Falta de Atividades Dirigidas.

Técnicas adotadas pela família

- Nova rotina;
- Brincadeiras Dirigidas;
- Método do Incentivo;
- Regras para as crianças;
- Tapetinho da disciplina/Área de reflexão;
- Controle de Guloseimas;
- Incentivando a Comer Sozinho;
- Hora da Estória.

Episódio 7: Família Daniel e David

Problemas apontados pela apresentadora:

- Desorganização da casa;
- Discordância dos pais na educação dos filhos;
- Briga entre irmãos;
- Falta de horários na casa;
- Infantilização dos filhos;
- Ciúmes entre irmãos;
- Birras e choros;
- Filho no quarto do casal;
- Falta de respeito com a mãe;
- Ameaças sem atitudes coercitivas;
- Crianças agitadas;
- Mimos e manhas;
- Agressão do filho nos pais;
- Gritaria;
- Falta de autoridade da mãe;
- Falta de Atividades Dirigidas;
- Falta de atitude do pai.

Técnicas empregadas:

- Nova rotina;
- Brincadeiras Dirigidas;
- Método do Incentivo;
- Regras para as crianças;
- Tapetinho da disciplina/Área de reflexão;
- Área Supervisionada;
- Hora da Estória;
- Método de Divisão de Tarefas.

Episódio 8: Família Manoel Felipe, Kleber Junior e Lucas

Problemas apontados pela apresentadora:

- Desorganização da casa;
- Discordância dos pais na educação dos filhos;
- Pai ausente;
- Má alimentação;
- Mentiras;
- Briga entre irmãos;
- Falta de horários na casa;
- Infantilização dos filhos;
- Birras e choros;
- Filho no quarto do casal;
- Falta de respeito com a mãe;
- Ameaças sem atitudes coercitivas;
- Mimos e manhas;
- Gritaria;
- Falta de autoridade da mãe.

Dispositivos empregados:

- Nova rotina;
- Regras para as crianças;
- Tapetinho da disciplina/Área de reflexão;
- Controle de Guloseimas;
- Método para Dormir.

Episódio 9: Família Geovana, Daniel e Livia

Problemas apontados pela apresentadora:

- Desorganização da casa;
- Pai ausente;
- Má alimentação;
- Falta de horários na casa;
- Ciúmes entre irmãos;
- Infantilização dos filhos;
- Birras e choros;
- Filho no quarto do casal;
- Falta de respeito com o pai;
- Falta de respeito com a mãe;
- Crianças agitadas;
- Agressão do filho nos pais;
- Falta de individualidade das crianças;
- Amamentação fora do tempo;
- Gritaria;
- Agressão dos pais nos filhos;
- Falta de interesse ao filho mais velho;
- Falta de Atividades Dirigidas;
- Xingamentos.

Dispositivos empregados:

- Método do Incentivo;
- Nova rotina;
- Regras para as crianças;
- Tapetinho da disciplina/Área de reflexão;
- Método do Desabafo;
- Hora da Estória.

Episódio 10: Família de Quadrigêmeos: Akeber, Arminda, Mohmad e Mario Cesar.

Problemas apontados pela apresentadora:

- Desorganização da casa;
- Má alimentação;
- Briga entre irmãos;
- Falta de horários na casa;
- Infantilização dos filhos;
- Filho no quarto do casal;
- Falta de respeito com o pai;
- Falta de respeito com a mãe;
- Falta de individualidade das crianças;
- Falta de autoridade da mãe;
- Falta de Atividades Dirigidas.

Dispositivos empregados:

- Regra para os Pais;
- Nova rotina;
- Regras para as crianças;
- Tapetinho da disciplina/Área de reflexão;
- Hora da Estória.

Episódio 11: Família de Nicolas e Kauana

Problemas apontados pela apresentadora:

- Desorganização da casa;
- Má alimentação;
- Mentiras;
- Briga entre irmãos;
- Falta de horários na casa;
- Ciúmes entre irmãos;
- Birras e choros;
- Super valorização de situações corriqueiras;
- Ameaças sem atitudes coercitivas;
- Crianças agitadas;
- Mimos e manhas;
- Falta de diálogo entre os pais;
- Gritaria;
- Falta de integração familiar.

Dispositivos empregados:

- Regra para os Pais;
- Método do Incentivo;
- Nova rotina;
- Regras para as crianças;
- Tapetinho da disciplina/Área de reflexão;
- Controle de Guloseimas;
- Método do Desabafo;
- Área Supervisionada;
- Método da Organização;
- Brinquedos Educativos;
- Hora da Estória;
- Método para descarregar a agressividade.

Episódio 12: Família de Guilherme e Gustavo

Problemas apontados pela apresentadora:

- Desorganização da casa;
- Crianças inseguras e tristes;
- Mentiras;
- Briga entre irmãos;
- Falta de horários na casa;
- Infantilização dos filhos;
- Criação de situações opressoras;
- Ameaças sem atitudes coercitivas;
- Mimos e manhas;
- Falta de diálogo entre os pais;
- Gritaria;
- Falta de Atividades Dirigidas;
- Falta de atitude do pai.

Dispositivos empregados:

- Caixa do Confisco;
- Brincadeiras Dirigidas;
- Método do Incentivo;
- Nova rotina;
- Regras para as crianças;
- Tapetinho da disciplina/Área de reflexão;
- Controle de Guloseimas;
- Método do Desabafo;
- Método da Aproximação;
- Brinquedos Educativos;
- Hora da Estória.

Episódio 13: Família de Heloá

Problemas apontados pela apresentadora:

- Desorganização da casa;
- Discordância dos pais na educação dos filhos;
- Falta de horários na casa;
- Infantilização dos filhos;
- Birras e choros;
- Excesso de colo;
- Criação de situações opressoras;
- Falta de respeito com o pai;
- Ameaças sem atitudes coercitivas;
- Mimos e manhas;
- Gritaria;
- Falta de Atividades Dirigidas;
- Falta de atitude do pai.

Dispositivos empregados:

- Brincadeiras Dirigidas;
- Método do Incentivo;
- Nova rotina;
- Regras para as crianças;
- Tapetinho da disciplina/Área de reflexão;
- Incentivando a Comer Sozinho;
- Área Supervisionada;
- Método da Aproximação;
- Brinquedos Educativos;
- Hora da Estória.

A tabela a seguir apresenta os problemas diagnosticados no programa Supernanny e a incidência de cada um deles nos treze episódios analisados. Com o objetivo de facilitar a visualização da análise anterior.

Tabela 1 - Incidência dos Problemas diagnosticados nas famílias

PROBLEMAS APRESENTADOS	Epis.1	Epis. 2	Epis. 3	Epis. 4	Epis. 5	Epis. 6	Epis. 7	Epis. 8	Epis. 9	Epis. 10	Epis. 11	Epis. 12	Epis. 13
Desorganização da casa	X	X		X	X		X	X	X	X	X	X	X
Discordância dos pais na educação dos filhos			X		X	X	X	X					X
Crianças inseguras e tristes				X								X	
Pai ausente				X	X	X		X	X				
Má alimentação	X					X		X	X	X	X		
Mentiras		X						X			X	X	
Briga entre irmãos	X	X		X	X	X	X	X		X	X	X	
Falta de horários na casa	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Ciúmes entre irmãos	X			X	X		X		X		X		
Infantilização dos filhos	X	X					X	X	X	X		X	X
Birras e choros	X	X	X		X		X	X	X		X		X
Excesso de colo		X											X
Insatisfação da mãe com a família			X										
Filho no quarto do casal			X		X		X	X	X	X			
Super valorização de situações corriqueiras				X			X				X		
Criação de situações opressoras				X	X							X	X
Falta de respeito com o pai			X						X	X			X
Falta de respeito com a mãe		X	X	X			X	X	X	X			
Ameaças sem atitudes coercitivas	X					X	X	X			X	X	X
Crianças agitadas	X				X	X	X		X		X		
Mimos e manhas			X		X	X	X	X			X	X	X

Pressão psicológica sobre as crianças				X									
Falta de controle da urina e fezes		X		X									
Agressão do filho nos pais		X	X				X		X				
Falta de individualidade das crianças	X			X					X	X			
Brincadeiras violentas		X											
Presentes como forma de compra ao respeito dos filhos		X											
Falta de diálogo entre os pais		X				X					X	X	
Chantagens de filho com a mãe		X											
Amamentação fora do tempo	X		X						X				
Gritaria/gritos	X	X			X	X	X	X	X		X	X	X
Agressão dos pais nos filhos	X		X			X			X				
Filhos não se alimentam sozinhos	X												
Falta de interesse ao filho mais velho					X				X				
Falta de integração familiar					X						X		
Filhos Não aceitam o "não"					X								
Mãe instável emocionalmente						X							
Falta de autoridade da mãe						X	X	X		X			
Falta de paciência da mãe						X							
Distanciamento do casal						X							
Falta de Atividades Dirigidas						X	X		X	X		X	X
Falta de atitude do pai							X					X	X
Chigamentos									X				

1 Epis. – abrevitura para episódio, alteração apenas para estética da tabela.

Os problemas apresentados nessa tabela são em sua maioria nomeados pela apresentadora Cris Poli no decorrer do Programa, assim sendo, podemos perceber que os problemas diagnosticados são de ordem doméstica e de relacionamento familiar.

Por meio da análise dessa tabela, pode-se perceber que 84,6% das famílias assistidas pelo programa apresentam as casas desorganizadas, ou seja, o espaço físico em total caos. A pedagoga procurou orientar essa parcela de famílias quanto a procedimentos de organização em geral, como reorganizar guarda-roupas, doando aquilo que não mais se utiliza, arrumar quartos, salas, cozinhas, fazendo com que todos, inclusive as crianças, participem em grupo e em cooperação nesse trabalho.

Outro ponto que merece destaque na observação dessa tabela diz respeito à falta de horários e de rotina em 92,3% dos episódios analisados. Segundo a apresentadora, as famílias não possuem horários definidos, deste modo o primeiro passo dado pela pedagoga após o confronto com os pais é estabelecer uma rotina a família.

Poli (2006) acredita que os filhos precisam de horários, isso lhes garante segurança. Podemos supor que o excesso de trabalho dos pais, presente em todos os episódios, determine essa falta de compromisso com o estabelecer horários dentro de casa.

As brigas entre irmãos também foram um problema presente em 76,9% dos episódios assistidos, assim como os ciúmes entre eles representam 46,1% de destaque no programa, situações presentes na maioria das famílias.

A infantilização dos filhos ocorre em 61,5% dos episódios, os pais tratando seus filhos como bebês, dificultando na maioria das vezes o desenvolvimento das crianças. Os mimos dos pais representaram também 61,5% dos episódios, transformando os filhos em crianças mimadas e choronas. O que fica evidente na parte da tabela reservada para Gritos, 76,9% presentes nos episódios, em que podemos perceber durante a análise do programa que as crianças na maior parte dos casos quando não atendidas gritam e sapateiam para que seus pedidos ou ordens sejam atendidos de alguma forma.

A falta de respeito com os pais e ameaças sem atitudes coercitivas se destacam na incidência dentro dos episódios em questão. Podemos supor que esse caos vivenciado pelas famílias assistidas pelo programa talvez tenha um motivo evidente, um motivo que justifique as atitudes de pais e filhos.

Tendo em vista que o programa Supernanny é um show realizado para incitar e impactar os telespectadores, essa análise não tem como objetivo avaliar essas situações, porém, a leitura dessa tabela procurou ilustrar de maneira simples os principais destaques dos problemas apresentados no programa e sua incidência dentro dos episódios.

Tabela 2 - Incidência dos Dispositivos utilizados pela Pedagoga nos episódios

DISPOSITIVOS	Epis. 1	Epis. 2	Epis. 3	Epis. 4	Epis. 5	Epis. 6	Epis. 7	Epis. 8	Epis. 9	Epis. 10	Epis. 11	Epis. 12	Epis. 13
Método do Troninho		X											
Caixa do Confisco		X										X	
Regra para os Pais		X		X						X	X		
Jogo da Verdade		X											
Brincadeiras Dirigidas			X	X		X	X					X	X
Método cara a cara			X										
Método da Distração			X										
Método Vai e Volta			X										
Novo quarto para a criança			X										
Método do Incentivo			X		X	X	X		X		X	X	X
Nova rotina	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Regras para as crianças	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Tapetinho da disciplina/Área de reflexão	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Método do Desmame	X		X										
Controle de Guloseimas	X					X		X			X	X	
Método do Envolvimento	X												
Incentivando a Comer Sozinho	X			X		X							X
Método do Desabafo	X	X			X				X		X	X	

Nova rotina elaborada pelo casal com a supervisão da Nany		X											
Área Supervisionada			X				X				X		X
Método da Aproximação				X								X	X
Método da Organização				X							X		
Rotina para os Dias de Folga					X								
Método dos Pontos Fortes					X								
Método Integração- Troca de Papéis					X								
Brinquedos Educativos					X						X	X	X
Hora da Estória						X	X		X	X	X	X	X
Método de Divisão de Tarefas							X						
Método para Dormir								X					
Método para descarregar a agressividade											X		

A visualização dessa tabela, que retrata as técnicas utilizadas pela pedagoga nos episódios aqui analisados, nos permite perceber o grande número de técnicas apresentadas durante o programa Supernanny.

A incidência dentre as técnicas são menores que os problemas apresentados, o que nos permite afirmar que a pedagoga e o programa de forma global procuram desenvolver e demonstrar diferentes técnicas para auxiliar cada tipo de necessidade das famílias assistidas e assim demonstrar mais “conteúdo” aos telespectadores.

Desta forma, podemos perceber que uma das técnicas mais utilizadas, em 100% dos episódios analisados, trata do tapetinho da disciplina, que, de alguma forma é o carro chefe do programa. Dentro dos episódios, a pedagoga interfere várias vezes demonstrando a maneira correta de instituir essa técnica.

As regras impostas para as crianças também são utilizadas em todos os casos, isso se deve graças à primeira técnica citada acima, pois para o tapetinho da disciplina ter funcionalidade as crianças precisam desacatar alguma regra e após duas advertências serem levadas à reflexão no tapetinho, sendo assim as regras e o tapetinho da disciplina estão presentes em todos os episódios da primeira temporada analisada do programa Supernanny.

Outro dispositivo presente em 92,3% dos casos trata da imposição de uma nova rotina à família, na verdade a interferência da pedagoga inicia-se pela implantação de uma nova rotina, objetivando um convívio mais intenso e de melhor qualidade entre os membros da família, como já exposto no capítulo II.

A técnica dedicada ao incentivo, nomeada pelo programa Supernanny de “Método do Incentivo”, aparece em 61,5% dos casos apresentados nos episódios, destacando assim a importância do ato de incentivar e elogiar os filhos pelas boas atitudes realizadas durante o dia, a importância da valorização dos modos das crianças e principalmente o tempo dedicado à conversa dos pais com os filhos. O que pode ser demonstrado a partir da utilização da técnica Hora da Estória em 53,8% dos episódios, destacando essa importância do momento, da hora dedicada aos filhos. Os pais, apesar de toda a correria presente no dia-a-dia, passam a perceber por meio dessas técnicas destinadas ao convívio, ao relacionamento, a troca, a importância de se relacionar com seus filhos, destinando alguns minutos de seu tempo a eles. Os bens dessa relação, dessa troca, são evidenciados nos episódios analisados, pois as crianças se tornam muita mais calmas e mais seguras.

3 - Classificação do Programa

Como apontado no capítulo II desta dissertação, o programa Supernanny é denominado reality show, e tem entre suas finalidades, primeiramente, a divulgação de informações, a conscientização dos pais sobre seu papel e sua importância na formação de seus filhos, a função do diálogo, da conversa e do carinho dentro da família. No que diz respeito à divulgação de informações, o que constatamos é que o programa propala algumas opiniões sobre o planejamento familiar, o excesso de trabalho dos pais e, portanto, a falta de tempo com os filhos, a importância da disciplina e a criação de regras para toda a família, a terceirização da educação dos filhos e a importância da participação da família na escola.

O programa se define educativo, caracterizado como um programa que trabalha a razão impondo a emoção, elaborado com fins pedagógicos, com o objetivo de aproveitar o conteúdo não apenas em sala de aula. Entretanto, no que diz Carneiro (1999 apud SIQUEIRA, 2004), o programa Supernanny possui conteúdo comercial, ou seja, anuncia produtos de consumo, o que o descaracteriza como educativo. Caracterizamos num segundo momento como um artefato cultural de informação e entretenimento.

No programa Supernanny, as famílias se apresentam “in natura”, como são, com problemas, limitações, amores - a vida como ela é. Deste modo, os telespectadores se identificam com uma ou mais situações que se assemelham ao seu lar, razão pela qual o programa ainda se encontra em exibição, estando atualmente na sua quinta temporada, mantendo um bom nível de aceitação – fato verificado no site oficial do programa..

4 - Contextos

A discussão que deve ser realizada a partir da análise proposta, é sobre os contextos, pois esta comparação trata de duas realidades diferentes. Como estabelecer relações entre contextos distintos?

Num primeiro momento, quando pensamos em analisar o programa Supernanny via Pedagogia Freinet, descartamos a possibilidade de orientação por intermédio dos contextos, pois tivemos conhecimento de casos em que professores utilizavam técnicas do programa em sala de aula.

Porém o que podemos constatar a partir da evolução dessa pesquisa é que a comparação entre os dois componentes participantes se torna mais difícil, por se tratar de contextos distintos. Sabendo que o programa Supernanny trabalha com famílias no ambiente doméstico, e que Celestin Freinet funda sua pedagogia destinada a fins puramente educativos, podemos perceber que as técnicas adotadas pela apresentadora e pedagoga Cris Poli possuem poucas semelhanças com a Pedagogia Freinet.

O programa Supernanny cumpre o seu objetivo na divulgação com relação à disciplina e à ordem de uma casa e uma família, apresenta regras e técnicas específicas e particulares em relação ao âmbito familiar. Presta serviço à comunidade, pois informa e apresenta com técnicas disciplinares modos de melhorar e educar os filhos para o convívio em família e sociedade.

5 - Objetivos

Atuando em diferentes contextos, tanto o programa quanto a Pedagogia Freinet, verificamos que ambos possuem o mesmo objetivo, pois estabelecem a educação pelo trabalho, definida no capítulo II como um plano de atividades elaboradas pelos envolvidos baseado num contexto cooperativo.

Na Pedagogia Freinet, a educação pelo trabalho, além de ser reconhecida como um trabalho de verdade, tem o compromisso de demonstrar o que foi realizado, seja através do jornal ou de exercícios que são expostos como divulgação das atividades realizadas.

Preocupado em transformar a sociedade para melhorá-la, em preparar a emancipação do indivíduo segundo um ideal de fraternidade e justiça compartilhadas, Freinet pretende liberar o homem de dogmatismos, fazendo-o artesão de sua própria educação, sujeito capaz de participar, de forma crítica e criativa, da construção de uma nova sociedade que lhe garanta um desenvolvimento integral, o mais humano e harmonioso possível. A luta pelo advento dessa sociedade é um dos deveres pedagógicos prioritários (PAIVA, 1996, p. 11).

Por meio da educação pelo trabalho, Freinet buscou transformar a sociedade com o objetivo de formar alunos justos, críticos, criativos, capacitados e dinâmicos, realizando uma ligação direta do homem com o mundo físico e social. Esta educação se caracteriza por um plano de atividades elaborado pelo professor com ajuda da criança, num acordo firmado com todos os membros da sala. Trata-se de um trabalho movido pela vontade do aluno em aprender e conhecer as aquisições necessárias e desejadas.

O trabalho educativo concebido por Freinet valoriza a expressão infantil, transforma a sala de aula em um espaço de produção, as atividades escolares ganham novo sentido, e a vida cooperativa produz condições necessárias para que cada aluno atue como sujeito de sua própria aprendizagem (SANTOS, 1996, p.158).

Freinet atribui às atividades escolares a importância de um trabalho adulto, sério e participativo, em que o grupo se torna responsável por meio da cooperação por aquilo que produz e/ou realiza, e é a partir desse movimento que a educação encontrará sua essência (SANTOS, 1996).

Numa mesma linha de raciocínio, temos o programa Supernanny, que trabalha com a organização de uma rotina para a casa, na qual todos os participantes/integrantes são personagens ativos e devem agir em cooperação para que o ambiente se torne harmonioso.

Na segunda parte do programa, a pedagoga apresenta uma nova rotina, um planejamento contendo horários e atividades a serem realizadas durante o dia. Entretanto, para que esta nova rotina aconteça, é necessário o arrimo de todos os membros da família, pais e filhos devem cooperar, realizando o acordo estabelecido.

O objetivo do programa é orientar as famílias a estabelecer um planejamento, um guia, para que todos os envolvidos permaneçam mais tempo próximos um do outro e que esse tempo seja de qualidade, de amor e de parcerias, que essa sistematização de funções proporcione a todos uma casa mais organizada, não somente no aspecto de limpeza mas também na disposição de horários, facilitando assim a orientação escolar, brincadeiras dirigidas, passeios, ou seja, transformando a rotina do dia-a-dia em algo mais proveitoso e agradável.

O programa Supernanny e a Pedagogia Freinet dentro de seus contextos e possibilidades realizam uma educação orientada a partir de um conjunto de atividades que, aliadas à cooperação dos participantes, desenvolve um trabalho educativo e organizacional, com a diferença básica de o programa “criar” regras sem consulta ou ajuda dos participantes, que, de certo modo, impõem o que deve ser feito, ao contrário de Freinet, que consulta e constrói suas atividades em conjunto com os envolvidos.

No programa Supernanny, os participantes são orientados pela pedagoga a partir de sua observação do dia-a-dia da família, no entanto, quanto a nova rotina e as regras para o novo convívio da casa são apresentadas, ocorre uma certa imposição por parte da apresentadora, tendo em vista que a família envolvida não participa deste processo de criação de mudanças.

Para Freinet, as regras são criadas a partir de um conselho no qual alunos e professor decidem a melhor maneira de proceder quanto à realização de atividades, organização do grupo, ordem espacial da sala, comportamentos, entre outros, tudo decidido ponto a ponto por todos os participantes/envolvidos neste grupo, explicitando assim a importância da cooperação e da organização do grupo instituído.

6 - A importância dos pais na educação dos filhos

Celestin Freinet justifica a importância dos pais, destacando a mãe como parte principal do processo de educação, tendo em vista que antigamente era a mãe a principal responsável pelos filhos, pois ficava mais tempo em casa e tinha como função, além dos trabalhos domésticos, sua educação. Assim sendo, o autor acreditava que a criança deveria ser orientada por um adulto a fim de ter autonomia para solucionar certos problemas, quanto da organização/educação/disciplina constituindo assim regras a serem seguidas a partir de novas combinações pais-filhos.

Segundo Freinet (1998, p. 132),

É com os pais, é com a mãe, portanto, que começa o sistema complexo dos recursos ao exterior, que duplica de maneira quase inextricável os processos de crescimento e de reação individuais. E esses recursos assumem todas as características de recursos pessoais. A criança, movida por suas necessidades, tateia para satisfazê-las. Se a mãe ajuda na satisfação dessas necessidades, a criança será orientada para uma solução acertada que terá tendência a repetir-se, a inflectir o comportamento e a constituir-se em regra de vida; há o risco de essa regra de vida dominar e orientar toda a personalidade; se, ao contrário, a mãe recusa-se a ser o instrumento dócil dos desejos de sua criança, esta deverá tatear de novo na direção de outros recursos.

Transpondo para os dias atuais, Freinet responsabiliza os pais e/ou responsáveis pelo processo de formação e, conseqüentemente, de educação dos filhos. Deste modo, além da escola, é na família que se adquirem os conhecimentos básicos. Os professores são apenas auxiliares na continuação desta trajetória.

Segundo Poli (2008), a formação da personalidade e do caráter do filho é obrigação primeira do adulto responsável, dando-lhes responsabilidades, autonomia, disciplina, valores como amor, amizade, respeito e cooperação. Afirma:

É preciso deixar claro que a responsabilidade pela educação dos filhos sempre será dos pais. Os professores participam desse processo, podendo contribuir com os pais na formação das crianças, pois é este o dever como educadores e influenciadores do comportamento desses jovens, mas são os pais que devem assumir o compromisso pela busca do melhor para os seus filhos (POLI, 2008, p. 16).

Freinet explica que, para o ser humano realizar algumas experiências de forma plena, é necessário que nosso comportamento seja sistematizado. A sistematização ocorre por meio da disciplina, e a educação permite que o adulto auxilie a criança atendendo aos seus instintos na construção de sua própria vida. A necessidade do adulto se faz presente para que se direcione a criança e não a escravize. As regras são necessárias, porém devem ser aplicadas em função da criança e não somente do adulto responsável.

São palavras de Freinet:

Dizemos: deem uma regra às crianças. Alguns tomarão o conselho ao pé da letra e, em todas as ocasiões, dobrarão as crianças de que cuidam da lei que lhes convém. Cometem, como tiranos aprendizes, o mesmo erro que os autocratas em política. Eles não consideram, de modo nenhum, a regra como um meio de suscitar mecanismos que dão à criança harmonia e potência, mas como um cómodo chamariz para a escravização. Noutras palavras, as regras não são então, de modo nenhum, concebidas em *função da criança*, mas somente em função do mestre ou do grupo atrás de cujo interesse ele mascara seu autoritarismo (FREINET, 1998, p. 58).

Freinet nos faz refletir sobre quais regras estão sendo adotadas em nome dessa disciplina. É preciso que os pais e professores estabeleçam regras em conjunto com as crianças, e elas devem participar na elaboração, discutindo o porquê de tais ordens, e se expressarem sobre o que pesam por isso ou por aquilo. Quando as regras são elaboradas a partir de um consenso, um conjunto, dentro de um contexto, se torna mais fácil serem cumpridas.

Um dos maiores problemas apresentados durante alguns episódios do programa trata da falta de autoridade dos pais, que têm obrigação de estabelecer regras de comportamento indispensáveis e essenciais para um convívio harmonioso em casa e na sociedade.

É fundamental para a formação de caráter dos filhos que os pais estabeleçam horários e ajam de maneira que os filhos percebam que existem autoridade e limites dentro de casa (POLI, 2006).

A família, segundo a pedagoga, deve estar presente na escola, deve haver espaço para diálogo entre professores e pais para a garantia de promover atividades que envolvam os pais, os filhos, a escola e os professores.

Como o programa atende impreterivelmente a famílias em seus lares, a ligação família – escola se faz presente quando há envolvimento das famílias no seio da escola, levando-se em consideração os valores que são apreendidos dentro de casa e por consequência disseminados no ambiente escolar.

Por ser um programa midiático exibido em canal aberto e, portanto, de fácil acesso e aceitação, além de ser transmitido em horário nobre e por uma grande empresa de comunicação, os dispositivos propostos neste programa ganham maior proporção e disseminação entre a população. A contribuição do programa Supernanny para a educação e diretamente para a escola justifica-se pela exposição de valores, tais como cooperação, organização, disciplina, diálogo, afeto, amor, em conceitos antes não disseminados pela mídia.

Essas características apontadas devem fazer parte também do ambiente escolar. Granzotto (1996) nos explica que não é nada tão fabuloso dar amor e carinho nessa atmosfera, pois as crianças necessitam desses sentimentos para que a aprendizagem se torne algo prazeroso, agradável e significativo. E nos aponta que:

(...) dar afetividade, dar amor na escola não significa um sentimento inefável, mas o cumprimento de tarefas de dar, cuidar, respeitar, conhecer. Todas essas atividades constituem uma faísca que deve aumentar a fraternidade entre os membros da comunidade escolar. De faísca em faísca, chega-se a um fecho de luz! (GRANZOTTO, 1996, p. 109).

A escola é uma instituição criada para favorecer a humanização e o convívio entre os participantes. Esta organização se faz necessária de forma harmoniosa, afetuosa e com respeito para o bom andamento do aprendizado, além de promover um ambiente proporcional à amizade e ao desenvolvimento emocional e intelectual, tanto dos professores quanto dos alunos.

7 – Método

Bem, aqui é o momento de discutirmos a questão do método. Durante todo o estudo vimos a apresentadora usando o termo “método”, porque a mídia assim o denomina e os telespectadores também.

No entanto, em uma compreensão científica, acreditamos que um conjunto de técnicas não formam um método. Vejamos o que aponta Meirieu (2004):

(...) no país de Descartes, os métodos não gozam de boa impressão. São menosprezados um pouco, reduzindo-os à simples receitas que serão aplicadas sem analisar o contexto e as necessidades. Às vezes se conduz a reflexão metodológica a uma simples questão de disciplina e ao enunciado de regras que é preciso conhecer para bem “manter a classe (MEIRIEU, 2004, p.105).

Embora Meirieu esteja se referindo ao contexto da educação escolar, verifica-se a mesma compreensão aqui. Manter a classe poderia ser substituído pelo “manter a ordem familiar”, ou “manter a harmonia doméstica”.

O autor considerado propõe uma diferença entre “uma escolha de caráter estratégico” e uma necessidade interna dos saberes. Estas noções aplicadas ao nosso tema de estudo seriam a compreensão de que a escolha do tapetinho ou do Método do Envolvimento é uma escolha de caráter estratégico porque não pertence à necessária estrutura do conteúdo a ser apreendido, que é o controle das emoções ou o reconhecimento de si mesmo, que a nosso ver é o saber que está por trás da estratégia.

Assim Meirieu define método pedagógico:

(...) como o modo de gestão, num caso particular dado, das relações entre o formador, os aprendizes e o saber. Porque o método é precisamente aquilo que amarra estes três elementos, de maneira muito diferente e estrutura num momento dado suas relações (MEIRIEU, 2004, p.106).

O autor ainda completa que o esquecimento de um dos três elementos ou a concentração em um deles nos levaria ao que ele chamou no texto de “um horizonte de desvios” dos quais três são bem conhecidos: “o desvio demiurgo”, que ele explica como “a crença do mestre no poder absoluto de sua palavra (por que não acrescentar também no instrumento), em que o saber é um pretexto e os auditores simples receptores manipulados e magnetizados”; “o desvio psicológico” que ele explica como sendo “uma

escuta passiva de suas aspirações ou de um estudo atento de seus processos de aprendizagem, que acabam por esquecer o que convém aprender”; e o “desvio programático” que ele explica como “reduzir o ensino ao enunciado dos programas de conhecimentos que embora precisos não podem ultrapassar o trabalho do professor nem a atividade do aluno” (MEIRIEU, 2004, p. 106).

Transpondo para nosso estudo, percebemos que a apresentadora não utiliza um método em si, mas estratégias com objetivos claros e específicos de controlar a desordem familiar, propiciando aos integrantes da família uma vida mais disciplinada e, conseqüentemente, mais tranquila. Sendo assim, o uso do termo método não se encaixa em nenhum dos dispositivos utilizados no programa.

8- Comparação dos dispositivos do programa com a Pedagogia Freinet

Abaixo, apresentamos uma tabela em que relacionamos diferentes itens, na primeira parte do lado esquerdo para o direito identificamos as técnicas utilizadas pela pedagoga Cris Poli, técnicas essas utilizadas nos treze episódios, coincidências diversificadas e nomeadas como método pela apresentadora do programa em questão.

A segunda coluna de nossa tabela apresenta os contextos possíveis a serem adotados, e relacionamos os dois contextos analisados em nossa pesquisa: o familiar, doméstico, usado pela apresentadora no programa e o contexto escolar representado pela Pedagogia Freinet. Essa parte da tabela oferece possibilidades de as técnicas serem utilizadas, pois alguns dispositivos apresentados no programa, ou seja, empregados em ambiente doméstico podem ser adaptados para o ambiente escolar, destacando assim a importância dessa parte da tabela.

Na terceira coluna, apresentamos os dispositivos pedagógicos freinetianos relacionados com o Programa Supernanny, e essa comparação entre os dispositivos pedagógicos de Freinet e as técnicas do Programa Supernanny nessa parte, nós os relacionamos de maneira direta.

Na última parte dessa tabela, identificamos aproximações entre a Pedagogia Freinet e o Programa Supernanny, destacando a essência de cada técnica utilizada dentro da perspectiva freinetiana se embasando nos princípios básicos dessa pedagogia.

Tabela 3 – Comparação: Programa Supernanny e Pedagogia Freinet.

Programa Supernanny	Contexto	Pedagogia Freinet	Aproximação
Incentivando a comer sozinho	Familiar	Sem relação direta	Estímulo à autonomia
Caixa do Confisco	Familiar	Sem relação direta	Estímulo a responsabilidade e participação
Método do Troninho	Familiar	Sem relação direta	Estímulo à autonomia
Jogo da Verdade	Familiar e Escolar	Sem relação direta	Estímulo a responsabilidade
Método de Integração- Troca de Papéis	Familiar	Sem relação direta	Estímulo a valorização, socialização da família, incentivo a cooperação e integração
Método para Dormir	Familiar	Sem relação direta	Estímulo a integração e participação
Método para Descarregar a agressividade	Familiar e Escolar	Sem relação direta	Estímulo a interdisciplinaridade
Método de Divisão de tarefas	Familiar e Escolar	Sem relação direta	Estímulo a participação, cooperação, unidade do grupo
Método Cara-a-Cara	Familiar e Escolar	Expressão Livre	Estímulo a crítica por meio da valorização, socialização e participação
Método do Envolvimento	Familiar e Escolar	Tateamento Experimental	Estímulo da valorização de cada membro do grupo por meio do afeto e do respeito da individualização
Atenção Individual	Familiar e Escolar	Tateamento Experimental	Estímulo da valorização de cada membro do grupo por meio do afeto e do respeito da individualização
Brincadeiras Dirigidas	Familiar e Escolar	Sem relação direta	Estímulo a socialização, atividade e criatividade
Colaboração (ajudar com as coisas em casa)	Familiar e Escolar	Cooperação	Estímulo a participação, cooperação e unidade
Método da Distração	Familiar	Sem relação direta	Estímulo a integração
Método Vai e Volta	Familiar e Escolar	Sem relação direta	Estímulo a socialização e autonomia
Método do Incentivo	Familiar e Escolar	Sem relação direta	Estímulo a valorização
Regras para todos elaboradas por todos	Familiar e Escolar	Sem relação direta	Estímulo a cooperação, participação e socialização

Método Aproximação	Familiar e Escolar	Afetividade	Estímulo a unidade e a valorização por meio da afetividade
Método Organização	Familiar e Escolar	Cooperação	Estímulo a participação, cooperação e unidade
Método dos Pontos Fortes	Familiar e Escolar	Sem relação direta	Estímulo a valorização por meio da crítica
Método da Integração	Familiar e Escolar	Sem relação direta	Estímulo a socialização e a integração
Método do Desabafo	Familiar e Escolar	Expressão Livre	Estímulo a autonomia, socialização por meio da criatividade e sentimento
Método controle de guloseimas	Familiar	Sem relação direta	Estímulo a responsabilidade e autonomia
Cantinho da Disciplina	Familiar	Sem relação direta	Estímulo a socialização e responsabilidade
Hora da Estória	Familiar e Escolar	Sem relação direta	Estímulo a integração, cooperação e a criatividade
Método da Área Supervisionada	Familiar	Sem relação direta	Estímulo a responsabilidade

Ao compararmos duas colunas de nossa tabela, a que diz respeito às técnicas do Programa Supernanny e a coluna que insere pontos da Pedagogia Freinet, podemos perceber que apenas 23% dos dispositivos pedagógicos freinetianos condizem em relação direta com o Programa Supernanny.

Essa primeira comparação pode ser refletida, por meio dos contextos, em todas as técnicas utilizadas no programa que são concretizadas e realizadas em um ambiente doméstico, ambiente esse abordado pela pedagoga, porém não por Celestin Freinet em sua Pedagogia. Podemos supor que essa defasagem no que diz respeito à comparação entre as técnicas do programa e à Pedagogia Freinet seja justamente a abordagem contextual. As paridades entre ambos se destacam nos aspectos concernentes a razões emocionais e de envolvimento, além da questão da cooperação, ponto chave da aproximação entre esta comparação.

Quanto ao contexto demonstrado na segunda coluna dessa tabela, nós o apresentamos de maneira diferenciada, sabendo bem que cada um foi criado para determinado contexto e o programa Supernanny para auxiliar as famílias em um ambiente doméstico e que Freinet idealizou sua Pedagogia baseado no ambiente escolar. Assim sendo, elaboramos, nessa parte da tabela, as técnicas presentes no programa Supernanny, que podem auxiliar no ambiente escolar, podendo contribuir de alguma forma com o desenvolvimento da aprendizagem a partir dos pressupostos freinetianos.

Baseados nos princípios freinetianos, adaptamos as técnicas que podem de certa forma ser inseridas no ambiente escolar, auxiliando no desenvolvimento da aprendizagem e cooperação do grupo.

Na última parte da tabela, destacamos aproximações referentes aos princípios da Pedagogia Freinet em comparação com o programa Supernanny. Essas aproximações foram realizadas a partir da análise de cada técnica utilizada pela pedagoga Cris Poli. O que procuramos evidenciar é o objetivo principal de cada técnica, aproximações essas estabelecidas de acordo com princípios freinetianos presentes no capítulo II dessa dissertação.

Diferentemente da relação direta estabelecida entre o programa e a Pedagogia Freinet, presentes na coluna I e II dessa tabela, em que apenas 23% dos itens estabelecem relação direta, ao fazermos as aproximações das técnicas utilizadas no programa e os princípios de Freinet, obtemos uma relação total das aproximações.

Assim sendo, podemos supor que a partir das aproximações, os objetivos de ambos estabelecem ligações, porém a afirmação de que a pedagogia instituída no programa Supernanny é a Pedagogia Freinet não deve ser feita.

O mote chave da filosofia de aprendizagem de Celestin Freinet é o “tateamento experimental”. Quer dizer, os professores que se inspiram em Freinet se esforçam para ancorar sua pedagogia num processo em que os ensaios, as hipóteses, as verificações, a retificação, a busca de método se colocam acima da assimilação passiva de uma ciência estática e dogmática.

Desta forma, podemos dizer que os procedimentos apresentados no programa Supernanny estão mais para uma assimilação passiva do que um próprio tateamento experimental, embora se possa compreender que o programa juntamente com a pedagoga Cris Poli dão a instrução aos pais a partir de técnicas científicas aplicadas à aprendizagem.

Oury e Vasquez (1978) escreveram em uma publicação sobre a Pedagogia Institucional sobre os meios pedagógicos:

A pior das aberrações seria colocar meios modernos a serviço de uma pedagogia perecível, de transmitir sem feedback possível, de transformar o educando em receptor. Não se trata de substituir professores e manuais por emissões, filmes, fitas cassete, desenhos animados etc... auxiliares mais seguros e menos caros(?) – se o edifício continua a ter suas bases colocadas sobre uma mesma teoria pedagógica simplista e falsa. O que vem a seguir é perecível. (p. 737)

O que se pode compreender aqui é que a audiência de programas como o Programa Supernanny cresce na medida em que a política educacional não investe como deveria na formação de professores e na transformação da escola, deixando os meios televisivos preencher com a difusão maciça de “programas prontos”, que trazem receitas mágicas de como educar os filhos.

Enquanto a televisão mantiver suas características comerciais, os programas com objetivos educacionais serão exceção e ocuparão um pequeno espaço.

Talvez por isso, “aplicações pedagógicas” precisam ser transmitidas por via comercial como no Programa Supernanny. Uma mistura, isto é, um pouco de ordem social, um tanto de imagem e motricidade, um pouco de produtos educacionais à venda, um pouco de treinamento, um pouco da mesma e velha “escola quartel”.

9 - Considerações Finais

No desenrolar deste trabalho, podemos verificar que, a partir de 1950, a população brasileira ganha um atrativo, a televisão, que chega ao nosso país de forma singela e precária. Após algum tempo, a televisão se divide em três tipos: a pública, que segundo Siqueira (2004) é aquela que não se destina ao ensino e não é financiada por publicidade, apresenta um contexto geral. A televisão didática é aquela destinada à aprendizagem e aperfeiçoamento do telespectador, e, por fim, a televisão comercial, a mais comum, financiada por publicidade com conteúdo diferenciado e diversificado.

No contexto da televisão em geral, nós nos pautamos em especificar quais os programas mais assistidos, ou qual é a programação favorita de crianças e jovens. Isto posto, verificou-se que as telenovelas, segundo Porto (2000), estão presentes na maioria dos lares nacionais e internacionais e possuem a maior faixa etária de telespectadores.

Os programas educativos, que surgiram na década de 1960, foram elaborados com finalidade pedagógica, com o objetivo de ensinar, a partir do lúdico, a razão impondo a emoção e também estão presentes no cotidiano infanto-juvenil. Além de outros programas como desenhos importados, seriados e reality shows caracterizados por Gullo (2004 apud MILLAN, 2006) como uma exploração do cotidiano da vida alheia, por uma simples curiosidade mórbida dos telespectadores.

A função da TV está muito além de uma obrigação, Siqueira (2004) relata que a relação entre a mídia e o telespectador é prazerosa, ninguém obriga ninguém a assistir televisão, sendo esse envolvimento feito por meio da sedução, da emoção, exploração sensorial e da narrativa.

Exibido no Brasil desde 2006, o Programa Supernanny, caracterizado como reality show, que exhibe o convívio de famílias em “apuros” com a disciplina de seus filhos, fruto da contemporaneidade, é baseado no mesmo modelo exibido na Inglaterra e Estados Unidos, servindo atualmente como referência para mais de vinte países, segundo o site oficial do programa.

A análise da primeira temporada do programa Supernanny nos permitiu categorizar os dispositivos educacionais utilizados nas diferentes famílias atendidas pela pedagoga Cris Poli, aproximando a análise com a Pedagogia Freinet, nosso referencial teórico, elencando as formas de educar, de cooperar e de ensinar de maneira lúdica e prazerosa.

Freinet não aceitava o que estava acontecendo com educação daquela época, a expressão livre, que, segundo Elias (1996), foi instituída na escola justamente para inverter o método que a escola utilizava. A escola Freinetiana começa a ver a criança não mais como ser que não possui informação, mas como ser vivo pronto para realizar pesquisas sobre o conhecimento.

Reconhecemos que o aluno na concepção de Freinet é protagonista de sua própria educação, de sua própria instrução e aprendizagem, aprende fazendo, as experiências sendo propostas por alunos e professores. As salas freinetianas são compostas por cantos, em cada canto se realiza um tipo de atividade, os alunos decidem quando e como realizarão as atividades em determinados cantos, o que fica evidente é que com a ajuda do professor os alunos criam e recriam maneiras de aprender, sem se tornar algo cansativo ou imposto.

A autonomia, participação, criatividade, senso crítico, unidade, cooperação, socialização, valorização, responsabilidade, integração e interdisciplinaridade são pressupostos determinantes na Pedagogia Freinet, pedagogia essa baseada na experiência, em que o saber não é considerado estático e único.

Elias (1996, p.22) define a formação na prática Freinet:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimento ou de técnicas), mas sim por meio de um trabalho de reflexão crítica sobre a própria prática, um trabalho que possibilite a reconstrução permanente da identidade pessoal.

Para Freinet, a educação é a realizada a partir da intervenção e da ação, e, segundo Elias (1996), Freinet acreditava que não há educação não diretiva, pois toda educação tem um motivo e um porquê ela se dirige a um indivíduo, e o importante é que essa educação permita a construção de uma aprendizagem por meio da reflexão e do senso crítico.

Procurando responder à questão norteadora deste trabalho, se a pedagogia Freinet está instituída no Programa Supernanny, podemos nos aproximar das seguintes considerações a seguir destacadas.

Os contextos analisados são diferentes, o programa é situado em ambiente doméstico, enquanto a Pedagogia Freinet se destina ao ambiente escolar.

Ambos são realizados a partir de um conjunto de atividades, denominado por Freinet de educação para o trabalho. A educação pelo trabalho, segundo Freinet, é

definida como um plano de atividades elaboradas pelo conjunto baseado no contexto do ambiente em que se insere. Porém, no programa Supernanny existe sim um plano de atividades que deve ser seguido por todos em cooperação, mas difere de Freinet no que diz respeito à elaboração, pois o plano de atividades do programa é elaborado pela Pedagoga a partir das observações e, posteriormente, é “imposto”, de certa forma, aos participantes.

Quanto à relação do método do programa e à Pedagogia Freinet, encontramos semelhanças entre os métodos, porém a afirmação de que a apresentadora utiliza a pedagogia freinetiana, não se confirma, tendo em vista que alguns pontos de seus dispositivos não são abordados por Freinet em sua pedagogia.

Assim sendo, o método do programa apresenta aspectos da Pedagogia Freinet, porém não em sua totalidade. O que fica evidente em nossa última tabela, dentre os dispositivos apresentados pelo programa, é que apenas quatro dispositivos equivalem à Pedagogia Freinet. A afirmação que podemos fazer é que o Programa Supernanny não é por completo freinetiano.

Ao longo dessa dissertação, questionamentos foram surgindo, alguns já respondidos, mas vários outros ficam como inquietações no momento, como: Que pedagogia se institui no programa Supernanny? As técnicas utilizadas pela pedagoga Cris Poli funcionam? O alcance e a repercussão desse evento televisivo para as famílias telespectadoras?.

Mesmo com algumas questões a serem respondidas, acreditamos que essa dissertação tenha buscado contribuir com a educação, apresentando a Pedagogia Freinet e toda a concepção atual no modo freinetiano de educar, além de demonstrar as diferentes contribuições televisivas para a educação. Deste modo, ao apresentarmos um pouco da figura de Celestin Freinet e seu legado, procuramos contribuir e resgatar este importante educador para o atual momento da educação brasileira.

Visto seu grande envolvimento em questões do cotidiano não só da escola, mas da vida familiar, buscamos introduzir questões inerentes à televisão ao uso e/ou à possibilidade de sua aproximação na vida da população.

10. - Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. Ilha Rá-tim-bum: Abordagem Semiótica por uma TV Educativa. (Dissertação de Mestrado em Comunicação) Bauru, 2005.

BACLET, Gerard. O materialismo em pedagogia. In: Trad. José Gomes Filipe, Santos, Martins Fontes, 1976, p. 11 – 28.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria a aos métodos. Portugal, Porto Editora, 1994.

CAVALCANTI, Eduardo Antônio Gurgel. Pedagogia Freinet: mediação par ao social, o político e a formação de professores. Tese de Doutorado, Natal, UFRN, 2005.

DELVALLÉE, Camile e Nicole. O texto livre é muito mais que o texto livre. In: O materialismo em pedagogia. In: Trad. José Gomes Filipe, Santos, Martins Fontes, 1976, p. 63 – 80.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. A formação do educador e os princípios apontados pela pedagogia Freinet. In: ELIAS, Marisa Del Cioppo. Pedagogia Freinet. Teoria e prática. Campinas, Papirus, 1996, p. 21-31.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Televisão & Educação: Fruir e pensar a TV. Belo Horizonte, Autêntica, 2006, 3ª edição.

FREINET, Elise. O itinerário de Celestin Freinet. A expressão livre na pedagogia Freinet. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.

FREINET, Celestin. Ensaio da psicologia sensível. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

—

_____. Pedagogia do bom senso. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

_____. O texto livre. Lisboa, Institut Coopératif del École Moderne, 1976.

_____. As técnicas Freinet da escola moderna. Lisboa, Estampa, 1975.

_____. O itinerário de Celestin Freinet: a livre expressão da pedagogia Freinet. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.

F. Oury, A.Vasquez. De La classe coopérative à la pedagogia Institutionnelle. Lisboa: Editora Estampa, 1978.

GOMES, Pedro Gilberto; COGO, Denise Maria. Televisão, escola e juventude. Porto Alegre. Mediação, 2001.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Educar para a comunicação. In: GOMES, Pedro Gilberto; COGO, Denise Maria. Televisão, escola e juventude. Porto Alegre. Mediação, 2001, p.97-105.

GRANZOTTO, Flaviana M. A afetividade. In: In: ELIAS, Marisa Del Cioppo. Pedagogia Freinet. Teoria e prática. Campinas, Papirus, 1996, p. 99 - 118.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

LUNARDI, Flavio. Educação e Televisão: a produção de sentidos num programa de auditório. (Dissertação de Mestrado em Educação). Porto Alegre, 2005.

MATTOS, Sergio. Um perfil da TV brasileira (40 anos de história: 1950-1990). Salvador, Bahia, 1990. Disponível em: http://www.sergiomattos.com.br/liv_perfil.html. Acessado em 04/07/2009

MILLAN, Marília Pereira Bueno. Reality Shows: uma abordagem psicossocial. Psicol. Ciênc.prof., jun 2006, vol.26, p. 190 -197.

MAGALDI, Sylvia. A TV como objeto de estudo na educação: idéias e práticas. In: Fischer, Rosa Maria Bueno. Televisão & Educação: Fruir e pensar a TV. Belo Horizonte, Autêntica, 2006, 3ª edição, p 111-143.

MARCONDES FILHO, Ciro. Televisão: a vida pelo vídeo. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1988

MEIRIEU, Philippe. L'école, mode d'emploi. Issy-les-Moulineaux: ESF, 2004.

MEIRIEU, Philippe. Carta a um jovem professor. Porto Alegre, 2006. Artmed.

MENDONÇA, Francine. Supernanny. Disciplina em domicílio, suporte total a distancia. Revista Psique Ciência & Vida, nº 8, Ano I.

MORAN, José Manuel, O uso das novas tecnologias da informação e da comunicação na EAD – uma leitura crítica dos meios. Brasília, 1999. Texto disponível em: www.mec.gov.br/seed/tvescola/textos. Acessado em 18/07/2009.

OLIVEIRA, Eva Aparecida de. O cotidiano na tela da TV e a esfera educacional. (Dissertação em Mestrado Educação Brasileira), Goiânia, 2003.

PAIVA, Yolanda Moreira. Pedagogia Freinet: seus princípios e práticas. In: In: ELIAS, Marisa Del Cioppo. Pedagogia Freinet. Teoria e prática. Campinas, Papirus, 1996, p. 9-20.

POLI, Cris. Pais e professores educando com valores: a importância do trabalho em conjunto para a formação das crianças. São Paulo, Editora Gente, 2008.

PORTO, Tânia Maria Esperon. A televisão na escola... Afinal, que pedagogia é esta? Araraquara: JM Editora, 2000.

SANTOS, Maria Lúcia dos. A vida na sala de aula freinetiana. In: In: ELIAS, Marisa Del Cioppo. Pedagogia Freinet. Teoria e prática. Campinas, Papirus, 1996, p.33 - 39

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Em Foco: Educação e Sociedade Midiática. Educação e Pesquisa. Revista da Faculdade de Educação. Vol 28,nº 1, Jan/ Jun de 2002. Universidade de São Paulo.

SILVA, Ana Paula Sá Gabriel da. A construção do princípio de cooperação na pedagogia Freinet: uma sala de aula do ensino fundamental. Dissertação de Mestrado, Natal, UFRN, 2005.

SIQUEIRA, Alessandra Bujokas. Programas de TV didáticos do ensino fundamental: um exame dos pressupostos teórico-educacionais. (Tese de Doutorado em Educação Escolar) Araraquara, 2004.

SUPERNANNY, DVD. 1ª TEMPORADA, Emi Music, 2006.

Site oficial do Programa Supernanny. Disponível em: <http://www.sbt.com.br/supernanny>. Acessado em 12/04/2008

UEBERSCHLAG, Roger. Num (sona) polaco. In: O materialismo em pedagogia. In: Trad. José Gomes Filipe, Santos, Martins Fontes, 1976, p. 34 – 51.

11. - Bibliografia Consultada

ACCIOLY, Denise Cortez da Silva. A televisão refletida na escola: a compreensão de mães/educadoras. Dissertação de Mestrado. Natal, 2006.

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. Ilha RÀ-TIM-BUM. Abordagem semiótica por uma TV educativa. Dissertação de Mestrado. Bauru, 2005.

BAPTISTELLA, Ester Cecília Fernandes. A compreensão do conteúdo comercial na infância. Dissertação de Mestrado. Campinas, 2001.

BELLONI, Maria Luiza. A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.2, p. 287-301, jul./dez. 2003.

CABRAL, Maria Inez Cavalieri. De Rousseau a Freinet ou da teoria a prática. Uma nova pedagogia. São Paulo, Editora Hemus, 1978.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. Pedagogia Freinet. Teoria e prática. Campinas, Papyrus, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na e (pela) TV. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002

FREINET, Celestin. O método natural I. A aprendizagem da língua. Lisboa, Editora Estampa, 1977.

_____. O método natural II. A aprendizagem do desenho. Lisboa, Editora Estampa, 1977.

_____. O método natural III. A aprendizagem da escrita. Lisboa, Editora Estampa, 1977.

GUIZZO, Bianca Salazar. Identidades de gênero e propagandas televisivas: um estudo no contexto da educação infantil. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2005.

MARTINS, José Eduardo. Os “cantinhos” de Freinet. Cad. Cat. Ens. Fis., v.14,n. 3: p.288-298, dez.1997.

MENEGAZ, Camila Vital. Dez anos de malhação e como fica a adolescência? Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, 2006.

POLI, Cris. Filhos autônomos, filhos felizes. Editora Gente. São Paulo, 2006.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)